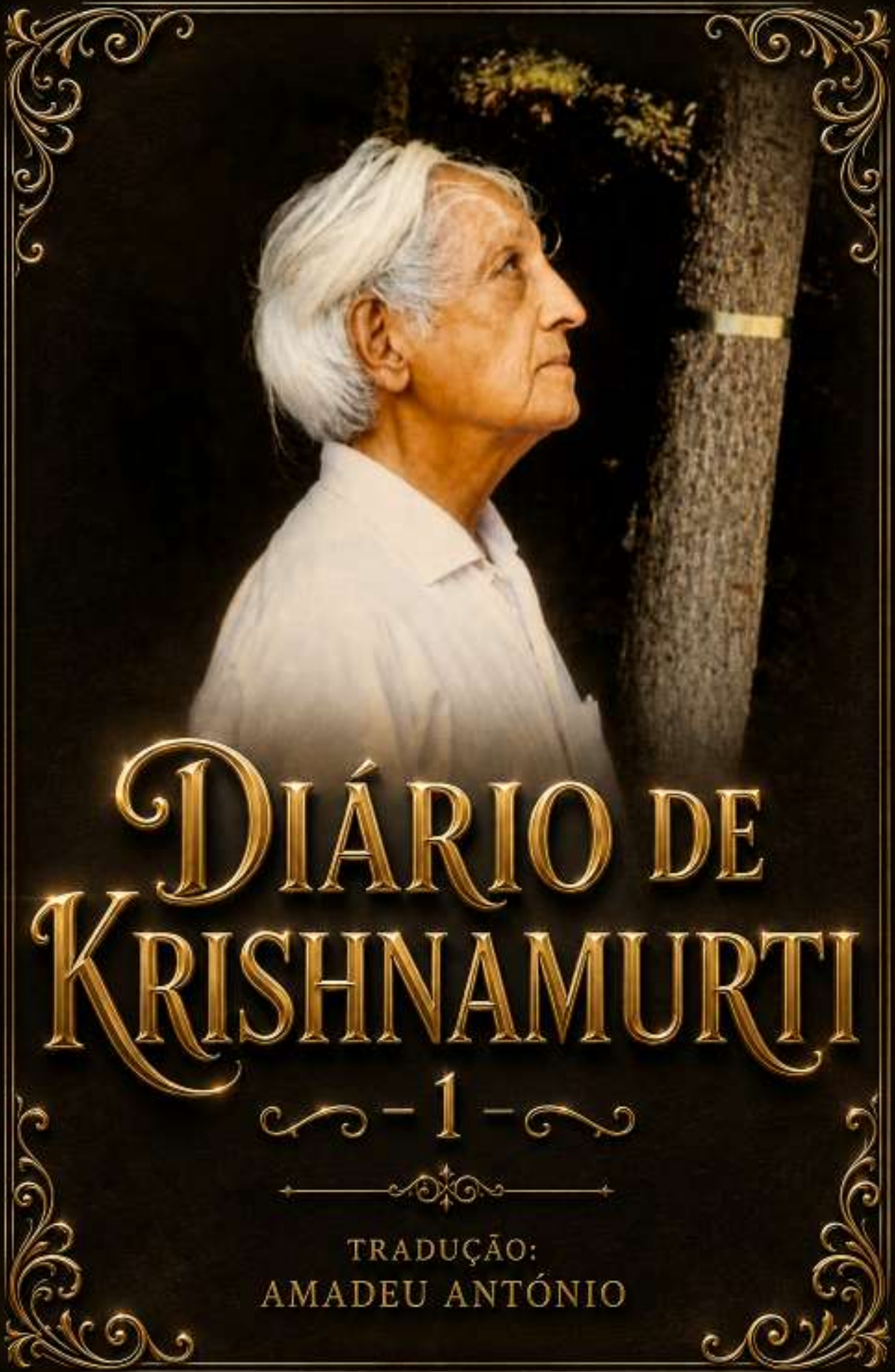

DIÁRIO DE KRISHNAMURTI

- 1 -

TRADUÇÃO:
AMADEU ANTÓNIO

DIÁRIO DE KRISHNAMURTI - I

PREFÁCIO

EM SETEMBRO DE 1973, Krishnamurti começou de repente a escrever um diário. Durante quase seis semanas fez ENTRADAs diários num caderno. No primeiro mês desse período esteve em Brockwood Park, Hampshire, e no resto do tempo em Roma. Retomou o diário dezoito meses mais tarde, quando se encontrava na Califórnia.

Quase todos os ENTRADAs começam com uma descrição de alguma cena natural que ele conhece intimamente, no entanto, em apenas três instâncias é que essas descrições se referem ao local em que estava realmente instalado. Assim, a primeira página do primeiro ENTRADA descreve o bosque do parque de Brockwood, mas, na segunda página, ele encontra-se evidentemente na Suíça, na imaginação. Só quando está na Califórnia, em 1975, é que volta a fazer uma descrição dos seus arredores reais. Quanto ao resto, recorda lugares em que viveu, com uma clareza que mostra como é viva a sua memória da paisagem natural, decorrente da agudeza da sua observação. Este diário revela também até que ponto o seu ensino é inspirado pela sua proximidade com a natureza.

Ao longo do texto, Krishnamurti refere-se a si próprio na terceira pessoa, como "ele", e, incidentalmente, revela-nos algo sobre si próprio que nunca fizera antes.

M. L.

BROCKWOOD PARK

14 DE SETEMBRO DE 1973

Outro dia, ao regressar de uma boa caminhada entre os campos e as árvores, passámos pelo bosque [Muitas árvores raras, incluindo sequóias, crescem no bosque em Brockwood.] perto da

grande casa branca. Ao passar a vedação para o bosque, sentiu-se imediatamente uma enorme sensação de paz e quietude. Nem uma coisa se movia. Parecia um sacrilégio caminhar por ali, pisar o chão; era profano falar, até respirar. As grandes sequóias estavam absolutamente imóveis; os índios americanos chamam-lhes as silenciosas e agora elas estavam verdadeiramente silenciosas. Nem o cão perseguia os coelhos. Ficava-se imóvel, mal ousando respirar; sentia-se que se era um intruso, pois tinha-se vindo na conversa e na gargalhada, e entrar naquele bosque sem saber o que lá estava foi uma surpresa e um choque, o choque de uma bênção inesperada. O coração batia com menor rapidez, mudo com o espanto de tudo aquilo. Era o centro de todo este lugar. De todas as vezes que nele se entra agora, há essa beleza, essa quietude, essa estranha quietude. Venha-se quando se vier e ela estará lá, plena, rica e inominável.

Qualquer forma de meditação consciente não é a coisa real; nunca o poderá ser. A tentativa deliberada de meditar não é meditação. Tem de acontecer; não pode ser convidada. A meditação não é o jogo da mente nem do desejo e do prazer. Toda a tentativa de meditar é a sua própria negação. Esteja apenas consciente do que está a pensar e a fazer e de mais nada. O ver, o ouvir, é o fazer, sem recompensa e sem punição. A habilidade no fazer reside na habilidade do ver, do ouvir. Toda a forma de meditação conduz inevitavelmente ao engano, à ilusão, pois o desejo cega. Era um entardecer encantador e a luz suave da Primavera cobria a terra.

BROCKWOOD PARK

15 DE SETEMBRO DE 1973

É bom estar só. Estar muito longe do mundo e, no entanto, caminhar pelas suas ruas é estar só. Estar só a subir o caminho ao lado do ribeiro de montanha impetuoso e ruidoso, cheio de água

da Primavera e de neves a derreter, é estar consciente daquela árvore solitária, só na sua beleza. A solidão de um homem na rua é a dor da vida; ele nunca está só, distante, intocado e vulnerável. Estar cheio de conhecimento gera miséria sem fim. A exigência de expressão, com as suas frustrações e dores, é esse homem que caminha pelas ruas; ele nunca está só. O sofrimento é o movimento dessa solidão.

Aquele ribeiro de montanha estava cheio e alto com as neves a derreter e as chuvas do início da Primavera. Podiam ouvir-se grandes calhaus a ser empurrados pela força das águas impetuosas. Um pinheiro alto, de cinquenta anos ou mais, despenhou-se na água; a estrada estava a ser arrastada. O ribeiro estava lamacento, da cor da ardosia. Os campos acima dele estavam cheios de flores silvestres. O ar era puro e havia encanto. Nas colinas altas ainda havia neve, e os glaciares e os grandes picos ainda conservavam as neves recentes; continuarão brancos durante todo o Verão.

Era uma manhã maravilhosa e poder-se-ia ter caminhado sem fim, sem nunca sentir as colinas íngremes. Havia um perfume no ar, límpido e forte. Não havia ninguém naquele caminho, a descer ou a subir. Estava-se só com aqueles pinheiros escuros e as águas impetuosas. O céu era daquele azul espantoso que só as montanhas têm. Olhava-se para ele através das folhas e dos pinheiros direitos. Não havia ninguém com quem falar e não havia tagarelice da mente. Uma pega, branca e preta, passou a voar, desaparecendo nos bosques. O caminho afastava-se do ribeiro ruidoso e o silêncio era absoluto. Não era o silêncio depois do ruído; não era o silêncio que vem com o pôr do sol, nem aquele silêncio quando a mente se acalma. Não era o silêncio dos museus e das igrejas, mas algo totalmente não relacionado com o tempo e com o espaço. Não era o silêncio que a mente faz para si própria. O sol estava quente e as sombras eram agradáveis.

Ele só descobriu recentemente que não havia um único pensamento durante estas longas caminhadas, nas ruas apinhadas ou nos caminhos solitários. Desde rapaz que tinha sido assim, nenhum pensamento lhe entrava na mente. Ele estava a observar e a ouvir e nada mais. O pensamento com as suas associações nunca surgia. Não havia criação de imagens. Um dia ele deu-se conta subitamente de como isso era extraordinário; tentava muitas vezes pensar, mas nenhum pensamento vinha. Nestas caminhadas, com pessoas ou sem elas, qualquer movimento do pensamento estava ausente. Isto é estar só.

Sobre os picos de neve formavam-se nuvens, pesadas e escuras; provavelmente choveria mais tarde, mas agora as sombras eram muito nítidas com o sol brilhante e límpido. Havia ainda aquele cheiro agradável no ar e as chuvas trariam um cheiro diferente. Era um longo caminho a descer até ao chalé.

BROCKWOOD PARK

16 DE SETEMBRO DE 1973

Àquela hora da manhã, as ruas da pequena aldeia estavam vazias, mas para lá delas o campo estava cheio de árvores, prados e brisas sussurrantes. A única rua principal estava iluminada e tudo o resto estava na escuridão. O sol nasceria dentro de cerca de três horas. Era uma manhã límpida e estrelada. Os picos de neve e os glaciares ainda estavam na escuridão e quase toda a gente dormia. As estradas estreitas da montanha tinham tantas curvas que não se podia ir muito depressa; o carro era novo e estava na rodagem. Era um carro bonito, potente, de boas linhas. Naquele ar da manhã, o motor funcionava com a máxima eficiência. Na autoestrada era uma coisa de beleza e, à medida que subia, curvava com firmeza, estável como uma rocha. A alvorada estava ali, a forma das árvores e a longa linha de colinas e as vinhas; ia ser uma manhã encantadora; estava fresco e agradável entre as

colinas. O sol tinha nascido e havia orvalho nas folhas e nos prados.

Ele sempre gostou de maquinaria; desmontava o motor de um carro e, quando este trabalhava, estava como novo. Quando se está a conduzir, a meditação parece vir tão naturalmente. Está-se consciente do campo, das casas, dos agricultores no campo, da marca do carro que passa e do céu azul através das folhas. Nem sequer se está consciente de que a meditação está a acontecer, esta meditação que começou há eras e continuaria sem fim. O tempo não é um factor na meditação, nem a palavra que é o meditador. Não há meditador na meditação. Se há, não é meditação. O meditador é a palavra, o pensamento e o tempo, e por isso sujeito à mudança, ao ir e vir. Não é uma flor que floresce e morre. O tempo é movimento. Está-se sentado na margem de um rio, a observar as águas, a corrente e as coisas que flutuam. Quando se está na água, não há observador. A beleza não está na mera expressão, está no abandono da palavra e da expressão, da tela e do livro.

Quão em paz estão as colinas, os prados e estas árvores: todo o campo está banhado na luz de uma manhã que passa. Dois homens discutiam ruidosamente com muitos gestos, vermelhos de rosto. A estrada atravessa uma longa alameda de árvores e a ternura da manhã vai desvanecendo.

O mar estendia-se diante de si e o cheiro a eucalipto estava no ar. Ele era um homem baixo, magro e de músculos rijos: tinha vindo de um país distante, escurecido pelo sol. Após algumas palavras de saudação, lançou-se em críticas. Como é fácil criticar sem saber quais são realmente os factos. Ele disse: "Pode ser livre e viver realmente tudo aquilo de que fala, mas fisicamente está numa prisão, protegido pelos seus amigos. Não sabe o que se passa ao seu redor. As pessoas assumiram autoridade, embora o senhor mesmo não seja autoritário."

Não tenho a certeza de que tenha razão nesta matéria. Para gerir uma escola ou qualquer outra coisa tem de haver uma certa responsabilidade, e ela pode existir e existe sem a implicação autoritária. A autoridade é totalmente prejudicial à cooperação, ao conversar juntos sobre as coisas. É isto que está a ser feito em todo o trabalho em que estamos empenhados. Isto é um facto real. Se me permite notar, ninguém se interpõe entre mim e o outro.

"O que está a dizer é da máxima importância. Tudo o que escreve e diz deveria ser impresso e circulado por um pequeno grupo de pessoas sérias e dedicadas. O mundo está a explodir e está a passar-lhe ao lado."

Receio que mais uma vez não esteja plenamente consciente do que está a acontecer. A dada altura, um pequeno grupo assumiu a responsabilidade de circular o que foi dito. Agora, também, um pequeno grupo assumiu a mesma responsabilidade. Mais uma vez, se me permite notar, não está consciente do que se está a passar.

Ele fez várias críticas, mas baseavam-se em pressupostos e opiniões passageiras. Sem defender, apontou-se o que estava realmente a ter lugar. Mas -

Como são estranhos os seres humanos.

As colinas estavam a afastar-se e o ruído da vida quotidiana estava ao redor de um homem, o ir e o vir, a dor e o prazer. Uma única árvore num monte era a beleza da terra. E lá no fundo do vale havia um ribeiro e ao lado dele corria uma linha de caminho de ferro. É preciso deixar o mundo para ver a beleza daquele ribeiro.

BROCKWOOD PARK

DE SETEMBRO DE 1973

Naquela tarde, ao caminhar pelo bosque, havia um sentimento de ameaça. O sol estava prestes a pôr-se e as palmeiras estavam solitárias contra o céu dourado do oeste. Os macacos estavam no mastro, a preparar-se para a noite. Quase ninguém usava aquele caminho e raramente se encontrava outro ser humano. Havia muitos veados, tímidos e a desaparecer na vegetação densa. Contudo, a ameaça estava lá, pesada e pervasiva: estava ao seu redor, olhava-se por cima do ombro. Não havia animais perigosos; tinham-se afastado dali; era demasiado perto da cidade em expansão. Ficou-se contente por partir e caminhar de volta pelas ruas iluminadas. Mas na tarde seguinte os macacos ainda lá estavam e os veados também, e o sol estava logo atrás das árvores mais altas; a ameaça tinha desaparecido. Pelo contrário, as árvores, os arbustos e as pequenas plantas acolhiam-no. Estava-se entre amigos, sentia-se total segurança e a maior das boas-vindas. Os bosques aceitavam-no e todas as tardes era um prazer caminhar ali.

As florestas são diferentes. Há perigo físico nelas, não apenas de cobras, mas de tigres que se sabia estarem lá. Ao caminhar ali numa tarde, de repente fez-se um silêncio anormal; os pássaros pararam de tagarelar, os macacos ficaram absolutamente imóveis e tudo parecia suster a respiração. Ficou-se imóvel. E, tão subitamente como parara, tudo ganhou vida; os macacos brincavam e provocavam-se uns aos outros, os pássaros começaram a sua tagarelice matutina e deu-se conta de que o perigo tinha passado.

Nos bosques e matas onde o homem mata coelhos, faisões, esquilos, há uma atmosfera totalmente diferente. Está-se a entrar num mundo onde o homem esteve, com a sua arma e a sua violência peculiar. Então os bosques perdem a sua ternura, o seu acolhimento, e ali alguma beleza se perdeu e aquele sussurro feliz desapareceu.

Apenas tem uma cabeça e cuide dela, pois é uma coisa maravilhosa. Nenhuma maquinaria, nenhum computador eletrónico se lhe pode comparar. É tão vasta, tão complexa, tão inteiramente capaz, subtil e produtiva. É o armazém da experiência, do conhecimento, da memória. Todo o pensamento brota dela. O que ela reuniu é de todo incrível: a malícia, a confusão, as dores, as guerras, as corrupções, as ilusões, os ideais, o sofrimento e a miséria, as grandes catedrais, as belas mesquitas e os templos sagrados. É fantástico o que fez e o que pode fazer. Mas há uma coisa que aparentemente não consegue fazer: mudar completamente o seu comportamento na sua relação com outra cabeça, com outro homem. Nem a punição nem a recompensa parecem mudar o seu comportamento; o conhecimento não parece transformar a sua conduta. O eu e o tu permanecem. Nunca se dá conta de que o eu é o tu, de que o observador é o observado. O seu amor é a sua degeneração; o seu prazer é a sua agonia; os deuses dos seus ideais são os seus destruidores. A sua liberdade é a sua própria prisão; está educada para viver nesta prisão, apenas tornando-a mais confortável, mais prazenteira. Apenas tem uma cabeça, cuide dela, não a destrua. É tão fácil envenená-la.

Ele teve sempre esta estranha falta de distância entre si próprio e as árvores, os rios e as montanhas. Não era cultivada: não se pode cultivar uma coisa dessas. Nunca houve uma parede entre ele e outro. O que lhe faziam, o que lhe diziam nunca parecia feri-lo, nem a lisonja tocá-lo. De algum modo, ele estava de todo intocado. Não era retraído, distante, mas como as águas de um rio. Tinha tão poucos pensamentos; nenhum pensamento de todo quando estava só. O seu cérebro era ativo quando falava ou escrevia, mas de resto era quieto e ativo sem movimento. O movimento é tempo e a atividade não o é.

Esta estranha atividade, sem direção, parece continuar, a dormir ou acordado. Ele acorda muitas vezes com essa atividade

de meditação; algo desta natureza está a acontecer a maior parte do tempo. Ele nunca a rejeitou nem a convidou. Na outra noite acordou, completamente desperto. Estava consciente de que algo como uma bola de fogo, de luz, estava a ser colocada na sua cabeça, no próprio centro dela. Observou-a objetivamente durante um tempo considerável, como se estivesse a acontecer a outra pessoa. Não era uma ilusão, algo conjurado pela mente. A alvorada estava a chegar e através da abertura das cortinas ele podia ver as árvores.

BROCKWOOD PARK

18 DE SETEMBRO DE 1973

Ainda é um dos vales mais bonitos. É inteiramente cercado por colinas, repleto de pomares de laranjeiras. Há muitos anos havia muito poucas casas entre as árvores e os pomares, mas agora há muitas mais; as estradas são mais largas, mais tráfego, mais ruído, especialmente na extremidade oeste do vale. Mas as colinas e os picos altos permanecem os mesmos, intocados pelo homem. Há muitos trilhos que conduzem às montanhas altas e caminhava-se sem fim ao longo deles. Encontravam-se ursos, cobras de guizo, veados e uma vez um gato-bravo (um lince). O gato-bravo estava lá mais à frente, no trilho estreito, a ronronar e a roçar-se contra as rochas e os troncos curtos das árvores. A aragem subia pelo desfiladeiro e por isso podia chegar-se bastante perto dele. Ele estava realmente a desfrutar, encantado com o seu mundo. A sua cauda curta estava levantada, as suas orelhas pontiagudas viradas para a frente, o seu pelo ruivo brilhante e limpo, totalmente inconsciente de que alguém estava logo atrás dele a cerca de seis metros. Descemos pelo trilho ao longo de cerca de um quilómetro e meio, sem que nenhum de nós fizesse o menor som. Era realmente um animal bonito, vivo e gracioso. Havia um ribeiro estreito mais à frente e, desejando não o assustar quando lá chegássemos, sussurrou-se uma saudação suave. Ele

nunca olhou para trás, isso teria sido uma perda de tempo, mas disparou, desaparecendo completamente em poucos segundos. Tínhamos sido amigos, contudo, durante um tempo considerável.

O vale está cheio do cheiro da flor de laranjeira, quase avassalador, especialmente nas primeiras horas da manhã e ao entardecer. Estava no quarto, no vale e em cada canto da terra, e o deus das flores abençoava o vale. Seria realmente quente no Verão e isso tinha a sua própria peculiaridade. Há muitos anos, quando se ia lá, havia uma atmosfera maravilhosa; ainda lá está em menor grau. Os seres humanos estão a estragá-la, como parecem estragar a maioria das coisas. Voltará a ser como antes. Uma flor pode murchar e morrer, mas voltará com a sua beleza.

Alguma vez se perguntou por que razão os seres humanos se extraviam, se tornam corruptos, indecentes no seu comportamento, agressivos, violentos e astutos? Não adianta culpar o meio ambiente, a cultura ou os pais. Queremos colocar a responsabilidade por esta degeneração nos outros ou em algum acontecimento. As explicações e as causas são uma saída fácil. Os antigos hindus chamavam-lhe Karma, o que semeavas, colhias. Os psicólogos colocam o problema no colo dos pais. O que as chamadas pessoas religiosas dizem baseia-se no seu dogma e crença. Mas a pergunta continua lá.

Depois há outros, nascidos generosos, bondosos, responsáveis. Não são mudados pelo meio ambiente nem por qualquer pressão. Permanecem os mesmos apesar de todo o clamor. Porquê?

Qualquer explicação é de pouca importância. Todas as explicações são fugas, evitando a realidade do que é. Isto é a única coisa que importa. O que é pode ser totalmente transformado com a energia que é desperdiçada em explicações e na busca das causas. O amor não está no tempo nem na análise,

nos lamentos e recriminações. Está lá quando o desejo de dinheiro, de posição e o engano astuto do eu não existem.

BROCKWOOD PARK

19 DE SETEMBRO DE 1973

a festa das monções tinha começado. O mar estava quase negro sob as nuvens escuras e pesadas e o vento açoitava as árvores. Choveria durante alguns dias, chuvas torrenciais, e pararia por um dia ou dois, para começar de novo. Os sapos coaxavam em cada lagoa e o cheiro agradável que as chuvas traziam enchia o ar. A terra estava limpa de novo e em poucos dias tornou-se espantosamente verde. As coisas cresciam quase diante dos olhos; o sol viria e todas as coisas da terra estariam a cintilar. Logo de manhã cedo haveria cânticos e os pequenos esquilos estavam por todo o lado. Havia flores por todo o lado, as silvestres e as cultivadas, o jasmim, a rosa e o calêndula.

Um dia, na estrada que leva ao mar, caminhando sob as palmeiras e as pesadas árvores-da-chuva, olhando para mil coisas, um grupo de crianças cantava. Pareciam tão felizes, inocentes e totalmente inconscientes do mundo. Uma delas reconheceu-nos, veio a sorrir e caminhámos de mãos dadas durante algum tempo. Nenhum de nós disse uma palavra e, quando nos aproximámos da casa dela, ela fez uma saudação e desapareceu no interior. O mundo e a família vão destruí-la e ela também terá filhos, chorará por eles e, nas formas astutas do mundo, eles serão destruídos. Mas naquela tarde ela estava feliz e ansiosa por partilhar isso ao dar a mão.

Quando as chuvas se tinham ido, regressando pela mesma estrada num entardecer em que o céu do oeste estava dourado, passou-se por um jovem que levava fogo num vaso de barro. Estava nu, exceto pelo seu pano da cintura limpo, e atrás dele dois homens carregavam um cadáver. Eram todos brâmanes, recém-

lavados, limpos, mantendo-se eretos. O jovem que levava o fogo devia ser o filho do falecido: caminhavam todos bastante depressa. O corpo ia ser cremado em algumas areias isoladas. Era tudo tão simples, ao contrário do carro fúnebre elaborado, carregado de flores, seguido por uma longa fila de carros polidos ou de carpidores a caminhar atrás do caixão: a escuridão negra de tudo aquilo. Ou via-se um cadáver, decentemente coberto, a ser transportado na parte de trás de uma bicicleta para o rio sagrado para ser queimado.

A morte está em todo o lado e parece que nunca vivemos com ela. É uma coisa escura, assustadora, a ser evitada, sobre a qual nunca se deve falar. Mantenha-se afastada da porta fechada. Mas está sempre lá. A beleza do amor é a morte e não se conhece nem um nem outro. A morte é dor e o amor é prazer e os dois nunca se podem encontrar; têm de ser mantidos separados e a divisão é a dor e a agonia. Isto tem sido assim desde o início do tempo, a divisão e o conflito sem fim. Haverá sempre morte para aqueles que não veem que o observador é o observado, aquele que experimenta é o experienciado. É como um vasto rio no qual o homem está preso, com todos os seus bens terrenos, as suas vaidades, dores e conhecimento. A menos que deixe todas as coisas que acumulou no rio e nade para a margem, a morte estará sempre à sua porta, à espera e a observar. Quando ele deixa o rio não há margem, a margem é a palavra, o observador. Ele deixou tudo, o rio e a margem. Pois o rio é o tempo e as margens são os pensamentos do tempo: o rio é o movimento do tempo e o pensamento é dele. Quando o observador deixa tudo o que é, então o observador não é. Isto não é a morte. É o intemporal. Não se pode conhecê-lo, pois o que é conhecido é do tempo; não se pode experienciá-lo: o reconhecimento é feito de tempo. A libertação do conhecido é a libertação do tempo. A imortalidade não é a palavra, o livro, a imagem que reuniu. A alma, o "eu", o

atman é o filho do pensamento, que é tempo. Quando o tempo não é, então a morte não é. O amor é.

O céu do oeste tinha perdido a sua cor e logo acima do horizonte estava a lua nova, jovem, tímida e terna. Na estrada tudo parecia estar a passar, o casamento, a morte, o riso das crianças e alguém a soluçar. Perto da lua estava uma única estrela.

BROCKWOOD PARK

20 DE SETEMBRO DE 1973

O rio estava particularmente bonito esta manhã; o sol estava a nascer sobre as árvores e a aldeia escondida entre elas. O ar estava muito quieto e não havia uma ondulação na água. Ficaria bastante quente durante o dia, mas agora estava bastante fresco e um macaco solitário estava sentado ao sol. Estava sempre lá sozinho, grande e pesado. Durante o dia desaparecia e aparecia logo de manhã cedo no topo da tamareira: quando aquecia, a árvore parecia engoli-lo. Os apanha-moscas verde-dourados estavam sentados no parapeito com as pombas, e os abutres ainda estavam nos ramos mais altos de outra tamareira. Havia uma imensa quietude e sentava-se num banco, perdido para o mundo.

Ao regressar do aeroporto numa estrada sombreada com os papagaios, verdes e vermelhos, a chilrear estridentemente ao redor das árvores, viu-se do outro lado da estrada o que parecia ser um grande fardo. À medida que o carro se aproximava, o fardo revelou ser um homem deitado do outro lado da estrada, quase nu. O carro parou e saímos. O seu corpo era grande e a sua cabeça muito pequena; estava a olhar fixamente através das folhas para o céu espantosamente azul. Olhámos para cima também para ver para o que ele estava a olhar e o céu a partir da estrada era

realmente azul e as folhas eram realmente verdes. Ele era malformado e disseram que era um dos idiotas da aldeia. Nunca se mexeu e o carro teve de ser conduzido ao redor dele com muito cuidado. Os camelos com a sua carga e as crianças a gritar passaram por ele sem prestar a menor atenção. Um cão passou, fazendo um largo círculo. Os papagaios estavam ocupados com o seu barulho. Os campos secos, os aldeões, as árvores, as flores amarelas estavam ocupados com a sua própria existência. Aquela parte do mundo era subdesenvolvida e não havia ninguém ou organização para cuidar de tais pessoas. Havia sarjetas abertas, imundície e humanidade aglomerada e o rio sagrado seguia o seu curso. A tristeza da vida estava em todo o lado e no céu azul, bem alto no ar, estavam os abutres de asas pesadas, a planar em círculos sem mover as asas, a planar durante horas, à espera e a observar. O que é a sanidade e a insanidade? Quem é são e quem é insano? Os políticos são sãos? Os padres, serão insanos? Aqueles que estão comprometidos com ideologias, serão sãos? Somos controlados, moldados, empurrados por eles, e seremos sãos?

O que é a sanidade? Ser inteiro, não fragmentado na ação, na vida, em todo o tipo de relação, essa é a própria essência da sanidade. Sanidade significa ser inteiro, saudável e sagrado. Ser insano, neurótico, psicótico, desequilibrado, esquizofrénico, seja qual for o nome que se lhe dê, é estar fragmentado, quebrado na ação e no movimento da relação que é a existência. Gerar antagonismo e divisão, que é o ofício dos políticos que o representam, é cultivar e sustentar a insanidade, quer sejam ditadores quer aqueles que estão no poder em nome da paz ou de alguma forma de ideologia. E o padre: olhe para o mundo do sacerdócio. Ele está entre si e o que ele e o senhor consideram a verdade, o salvador, deus, o céu, o inferno. Ele é o intérprete, o representante; tem as chaves do céu; condicionou o homem

através da crença, do dogma e do ritual; é o verdadeiro propagandista. Ele condicionou-o porque o senhor quer conforto, segurança, e teme o amanhã. Os artistas, os intelectuais, os cientistas, tão admirados e lisonjeados, serão sãos? Ou vivem em dois mundos diferentes – o mundo das ideias e da imaginação com a sua expressão compulsiva, totalmente separado da sua vida quotidiana de dor e prazer?

O mundo ao seu redor está fragmentado e o senhor também o está, e a sua expressão é conflito, confusão e miséria: o senhor é o mundo e o mundo é o senhor. Sanidade é viver uma vida de ação sem conflito. A ação e a ideia são contraditórias. O ver é o fazer e não a ideação primeiro e a ação de acordo com a conclusão. Isto gera conflito. O próprio analisador é o analisado. Quando o analisador se separa como algo diferente do analisado, ele gera conflito, e o conflito é a área do desequilibrado. O observador é o observado e nisso reside a sanidade, o todo, e com o sagrado está o amor.

BROCKWOOD PARK

21 DE SETEMBRO DE 1973

É bom acordar sem um único pensamento, com os seus problemas. Então a mente fica descansada; trouxe ordem dentro de si mesma e é por isso que o sono é tão importante. Ou ela traz ordem na sua relação e ação durante as horas em que está acordada, o que concede à mente um descanso completo durante o sono, ou durante o sono tentará arranjar os seus assuntos para sua própria satisfação. Durante o dia haverá novamente desordem causada por tantos factores, e durante as horas de sono a mente tentará libertar-se dessa confusão. A mente, o cérebro, só pode

funcionar de forma eficiente, objetiva, onde há ordem. O conflito, sob qualquer forma, é desordem. Considere o que a mente passa em cada dia da sua vida: a tentativa de ordem no sono e a desordem durante as horas em que está acordada. Este é o conflito da vida, dia após dia. O cérebro só pode funcionar em segurança, não em contradição e confusão. Por isso tenta encontrá-la nalguma fórmula neurótica, mas o conflito torna-se pior. A ordem é a transformação de toda esta confusão. Quando o observador é o observado, há ordem completa.

Na pequena azinhaga que passa junto à casa, sombria e quieta, uma garotinha chorava do fundo do coração, como só as crianças conseguem fazer. Teria uns cinco ou seis anos, pequena para a sua idade. Estava sentada no chão, com lágrimas a correr-lhe pelas faces. Ele sentou-se com ela e perguntou-lhe o que tinha acontecido, mas ela não conseguia falar, o soluço tirava-lhe todo o fôlego. Devia ter sido agredida, ou o seu brinquedo favorito fora quebrado, ou algo que ela queria fora-lhe negado por uma palavra dura. A mãe saiu, sacudiu a criança e levou-a para dentro. Mal olhou para ele, pois eram estranhos. Alguns dias mais tarde, caminhando pela mesma azinhaga, a criança saiu da sua casa, cheia de sorrisos, e caminhou com ele um pequeno trecho. A mãe devia ter-lhe dado permissão para ir com um estranho. Ele caminhava frequentemente naquela azinhaga sombria e a garota, com o seu irmão e irmã, saía e vinha cumprimentá-lo. Esquecerão elas alguma vez as suas feridas e os seus sofrimentos, ou construirão gradualmente para si próprias fugas e resistências? Guardar estas feridas parece ser a natureza dos seres humanos e, a partir disto, as suas ações tornam-se torcidas. Poderá a mente humana nunca ser ferida ou magoada? Não ser ferido é ser inocente. Se não está ferido, naturalmente não ferirá outro. É isto possível? A cultura em que vivemos fere profundamente a mente e o coração. O ruído e a poluição, a agressão e a competição, a

violência e a educação, tudo isto e mais contribui para a agonia. Contudo, temos de viver neste mundo de brutalidade e resistência: nós somos o mundo e o mundo somos nós. O que é essa coisa que é ferida? A imagem que cada um construiu sobre si próprio, é isso que é ferido. Estranhamente, estas imagens, por todo o mundo, são as mesmas, com algumas modificações. A essência da imagem que tem é a mesma do homem a mil milhas de distância. Portanto, o senhor é esse homem ou mulher. As suas feridas são as feridas de milhares: o senhor é o outro.

É possível nunca ser ferido? Onde há ferida não há amor. Onde há ferida, então o amor é mero prazer. Quando descobre por si próprio a beleza de nunca ser ferido, só então é que todas as feridas do passado desaparecem. No presente pleno, o passado perdeu o seu fardo.

Ele nunca foi ferido, embora muitas coisas lhe tenham acontecido, lisonja e insulto, ameaça e segurança. Não é que fosse insensível, inconsciente: não tinha imagem de si próprio, nenhuma conclusão, nenhuma ideologia. A imagem é resistência e, quando ela não existe, há vulnerabilidade, mas não ferida. O senhor não pode procurar ser vulnerável, altamente sensível, pois aquilo que é procurado e achado é outra forma da mesma imagem. Compreenda todo este movimento, não meramente de forma verbal, mas tenha uma perceção profunda dele. Esteja consciente de toda a sua estrutura sem qualquer reserva. Ver a verdade disso é o fim do construtor de imagens. O lago estava a transbordar e havia mil reflexos nele. Ficou escuro e os céus estavam abertos.

BROCKWOOD PARK

22 DE SETEMBRO DE 1973

Uma mulher estava a cantar na porta ao lado: tinha uma voz maravilhosa e os poucos que a ouviam estavam encantados. O sol

estava a pôr-se entre as mangueiras e as palmeiras, num dourado e verde ricos. Ela cantava algumas canções devocionais e a voz ia-se tornando mais rica e suave. Ouvir é uma arte. Quando escuta música clássica ocidental ou esta mulher, sentada no chão, o senhor ou está a ser romântico, ou há recordações de coisas passadas, ou o pensamento com as suas associações altera rapidamente os seus estados de ânimo, ou há pressentimentos do futuro. Ou então escuta sem qualquer movimento do pensamento. Escuta a partir de uma quietude completa, de um silêncio total.

Escutar o próprio pensamento, ou o melro num ramo, ou o que está a ser dito, sem a resposta do pensamento, traz um significado totalmente diferente daquele que o movimento do pensamento traz. Esta é a arte de escutar, escutar com atenção total: não há centro que escute.

O silêncio das montanhas tem uma profundidade que os vales não têm. Cada um tem o seu próprio silêncio; o silêncio entre as nuvens e entre as árvores é vastamente diferente; o silêncio entre dois pensamentos é intemporal; o silêncio do prazer e do medo são tangíveis. O silêncio artificial que o pensamento pode fabricar é morte; o silêncio entre ruídos é a ausência de ruído, mas não é silêncio, assim como a ausência de guerra não é paz. O silêncio escuro de uma catedral, do templo, é da idade e da beleza, especialmente construído pelo homem; há o silêncio do passado e do futuro, o silêncio do museu e do cemitério. Mas tudo isto não é silêncio.

O homem esteve ali sentado na margem do bonito rio, imóvel; esteve ali por mais de uma hora. Vinha ali todas as manhãs, acabadinho de lavar, cantava em sânscrito durante algum tempo e em breve ficava perdido nos seus pensamentos; não parecia importar-se com o sol, pelo menos o sol da manhã. Um dia veio e começou a falar sobre meditação. Não pertencia a nenhuma escola de meditação, considerava-as inúteis, sem

qualquer significado real. Estava só, solteiro e tinha afastado os caminhos do mundo há muito tempo. Tinha controlado os seus desejos, moldado os seus pensamentos e vivia uma vida solitária. Não era amargo, vaidoso ou indiferente; tinha-se esquecido de tudo isso há alguns anos. A meditação e a realidade eram a sua vida. Enquanto falava e procurava a palavra certa, o sol estava a pôr-se e um profundo silêncio desceu sobre nós. Ele parou de falar. Passado um pouco, quando as estrelas estavam muito perto da terra, disse: "Esse é o silêncio que tenho andado à procura em todo o lado, nos livros, entre os mestres e em mim próprio. Encontrei muitas coisas, mas não isto. Veio sem ser procurado, sem ser convidado. Terei eu desperdiçado a minha vida em coisas que não importavam? Não faz ideia do que passei, os jejuns, as privações e as práticas. Vi a sua futilidade há muito tempo, mas nunca deparei com este silêncio. O que farei para permanecer nele, para o manter, para o guardar no meu coração? Suponho que me diria para não fazer nada, pois não se pode convidá-lo. Mas deverei continuar a errar por este país, com esta repetição, este controlo? Sentado aqui, estou consciente deste silêncio sagrado; através dele olho para as estrelas, aquelas árvores, o rio. Embora veja e sinta tudo isto, não estou realmente ali. Como disse no outro dia, o observador é o observado. Vejo o que isso significa agora. A bênção que procurei não se encontra na procura. É tempo de ir embora."

O rio tornou-se escuro e as estrelas refletiam-se nas suas águas perto das margens. Gradualmente, os ruídos do dia chegavam ao fim e os ruídos suaves da noite começavam. Observavam-se as estrelas e a terra escura, e o mundo estava muito longe. A beleza, que é amor, parecia descer sobre a terra e as coisas dela.

BROCKWOOD PARK

23 DE SETEMBRO DE 1973

Ele estava parado sozinho na margem baixa do rio; não era muito largo e ele podia ver algumas pessoas na outra margem. Se a conversa estivesse alta, podia quase ouvi-las. Na estação das chuvas, o rio encontrava as águas abertas do mar. Tinha estado a chover há dias e o rio tinha rompidos as areias até ao mar à espera. Com as chuvas pesadas estava limpo de novo e podia-se nadar nele em segurança. O rio era largo o suficiente para conter uma ilha longa e estreita, verde de arbustos, algumas árvores curtas e uma pequena palmeira. Quando a água não estava demasiado funda, o gado atravessava-a a pé para lá pastar. Era um rio agradável e amigo, e era-o particularmente naquela manhã.

Ele estava ali parado sem ninguém por perto, só, desapegado e distante. Tinha cerca de catorze anos ou menos. Tinham encontrado o seu irmão e ele muito recentemente, e todo o alvoroço e repentina importância dada a ele rodeavam-no. [Krishnamurti escreve aqui sobre a sua própria infância em Adyar, perto de Madras.] Ele era o centro do respeito e da devoção e, nos anos vindouros, seria o chefe de organizações e grandes propriedades. Tudo isso e a dissolução delas ainda residiam no futuro. Estar ali parado, sozinho, perdido e estranhamente distante, era a sua primeira e duradoura recordação daqueles dias e acontecimentos. Ele não se lembra da sua infância, das escolas e dos açoites. Foi-lhe dito anos mais tarde pelo próprio professor que o feria que costumava dar-lhe açoites praticamente todos os dias; ele chorava e era colocado fora, na varanda, até a escola fechar e o professor sair e pedir-lhe para ir para casa, caso contrário ele ainda estaria na varanda, perdido. Levava açoites, disse este homem, porque não conseguia estudar nem lembrar-se de nada do que tinha lido ou do que lhe tinha sido dito. Mais tarde, o professor não conseguia acreditar que aquele rapaz era o homem que tinha dado a palestra que ouvira. Ficou grandemente surpreendido e desnecessariamente respeitoso.

Todos esses anos passaram sem deixar cicatrizes, memórias, na sua mente; as suas amizades, os seus afetos, mesmo aqueles anos com os que o tinham maltratado, de algum modo nenhum destes acontecimentos, amigos ou brutais, deixaram marcas nele. Em anos recentes, um escritor perguntou se ele conseguia recordar todos esses acontecimentos bastante estranhos, como ele e o seu irmão foram descobertos e os outros acontecimentos, e quando ele respondeu que não se conseguia lembrar deles e só podia repetir o que outros lhe tinham contado, o homem abertamente, com um escarnecer, afirmou que ele estava a fingir e a fazer fita. Ele nunca bloqueou conscientemente qualquer acontecimento, agradável ou desagradável, de entrar na sua mente. Eles vinham, não deixavam marca e passavam.

A consciência é o seu conteúdo: o conteúdo constitui a consciência. Os dois são indivisíveis. Não há o senhor e outro, apenas o conteúdo que constitui a consciência como o "eu" e o não "eu". Os conteúdos variam de acordo com a cultura, as acumulações raciais, as técnicas e capacidades adquiridas. Estas são fragmentadas como o artista, o cientista e assim por diante. As idiossincrasias são a resposta do condicionamento e o condicionamento é o factor comum do homem. Este condicionamento é o conteúdo, a consciência. Isto de novo é fragmentado como o consciente e o oculto. O oculto torna-se importante porque nunca olhámos para ele como um todo. Esta fragmentação tem lugar quando o observador não é o observado, quando aquele que experimenta é visto como diferente da experiência. O oculto é como o aberto; a observação, o ouvir do aberto é o ver do oculto. Ver não é analisar. No analisar há o analisador e o analisado, uma fragmentação que conduz à inação, a uma paralisia. No ver, o observador não é, e por isso a acção é imediata; não há intervalo entre a ideia e a ação. A ideia, a conclusão, é o observador, o vidente separado da coisa vista. A

identificação é um ato do pensamento e o pensamento é fragmentação.

A ilha, o rio e o mar ainda estão lá, as palmeiras e os edifícios. O sol estava a sair de massas de nuvens, alinhadas e a erguerem-se até aos céus. Apenas com um pano na cintura, os pescadores atiravam as suas redes para apanhar alguns peixinhos mesquinhos. A pobreza involuntária é uma degradação. Ao fim da tarde era agradável entre as mangueiras e as flores perfumadas. Quão bonita é a terra.

BROCKWOOD PARK

24 DE SETEMBRO DE 1973

Uma nova consciência e uma moralidade totalmente nova são necessárias para provocar uma mudança radical na cultura e estrutura social atuais. Isto é óbvio, contudo a esquerda, a direita e o revolucionário parecem desconsiderá-lo. Qualquer dogma, qualquer fórmula, qualquer ideologia, faz parte da velha consciência; são fabricações do pensamento cuja atividade é a fragmentação, a esquerda, a direita, o centro. Esta atividade conduzirá inevitavelmente ao derramamento de sangue da direita ou da esquerda ou ao totalitarismo. É isto que se está a passar ao nosso redor. Vê-se a necessidade de mudança social, económica e moral, mas a resposta vem da velha consciência, sendo o pensamento o ator principal. A confusão, o desconcerto e a miséria em que os seres humanos se meteram dentro da área da velha consciência, sem mudar isso profundamente, farão com que toda a atividade humana, política, económica e religiosa, apenas nos leve à destruição uns dos outros e da terra. Isto é tão óbvio para o são.

Tem de se ser uma luz para si próprio; esta luz é a lei. Não há outra lei. Todas as outras leis são feitas pelo pensamento e, por isso, fragmentárias e contraditórias. Ser uma luz para si próprio

não é seguir a luz de outro, por muito razoável, lógica, histórica e por muito convincente que seja. O senhor não pode ser uma luz para si próprio se estiver nas sombras escuras da autoridade, do dogma, da conclusão. A moralidade não é reunida pelo pensamento; não é o resultado da pressão do meio ambiente, não é de ontem, da tradição. A moralidade é a filha do amor e o amor não é desejo e prazer. O gozo sexual ou sensorial não é amor.

No alto das montanhas quase não havia pássaros, havia alguns corvos, havia veados e um urso ocasional. As enormes sequóias, as silenciosas, estavam por todo o lado, apequenando todas as outras árvores. Era um país magnífico e inteiramente tranquilo, pois não era permitida a caça. Cada animal, cada árvore e flor estavam protegidos. Sentado sob uma dessas sequóias massivas, estava-se consciente da história do homem e da beleza da terra. Um esquilo vermelho e gordo passou com a maior elegância, parando a escassos metros de distância, a observar e a perguntar-se o que se estava ali a fazer. A terra estava seca, embora houvesse um ribeiro por perto. Nem uma folha se movia e a beleza do silêncio estava entre as árvores. Indo lentamente pelo caminho estreito, ao virar da curva estava uma ursa com quatro crias tão grandes como gatos grandes. Elas correram a trepar às árvores e a mãe enfrentou o homem sem um movimento, sem um som. Cerca de quinze metros separavam-nos; ela era enorme, castanha e preparada. Imediatamente voltou-se-lhe as costas e partiu-se. Cada um compreendeu que não havia medo e nenhuma intenção de ferir, mas mesmo assim ficou-se contente por estar entre as árvores protetoras, os esquilos e os gaios a ralhar.

A liberdade é ser uma luz para si próprio; então não é uma abstração, uma coisa conjurada pelo pensamento. A liberdade real é a libertação da dependência, do apego, do anseio pela experiência. A libertação da própria estrutura do pensamento é ser uma luz para si próprio. Nesta luz, toda a ação tem lugar e assim

nunca é contraditória. A contradição existe apenas quando essa lei, luz, está separada da ação, quando o ator está separado da ação. O ideal, o princípio, é o movimento estéril do pensamento e não pode coexistir com esta luz; um nega o outro. Esta luz, esta lei, está separada de si; onde o observador está, esta luz, este amor, não está. A estrutura do observador é reunida pelo pensamento, que nunca é novo, nunca é livre. Não há "como", nenhum sistema, nenhuma prática. Há apenas o ver que é o fazer. Tem de ver, não através dos olhos de outro. Esta luz, esta lei, não é sua nem de outro. Há apenas luz. Isto é amor.

BROCKWOOD PARK

25 DE SETEMBRO DE 1973

Ele estava a olhar pela janela para as colinas verdes e suavemente onduladas e para os bosques escuros com o sol da manhã sobre eles. Era uma manhã agradável e encantadora, havia nuvens magníficas para lá dos bosques, brancas com formas volumosas. Não admira que os antigos dissessem que os deuses tinham a sua morada entre elas e as montanhas. Ao redor havia estas enormes nuvens contra um céu azul e deslumbrante. Ele não tinha um único pensamento e estava apenas a olhar para a beleza do mundo. Devia ter estado àquela janela há algum tempo e algo teve lugar, inesperado, não convidado. Não se pode convidar ou desejar tais coisas, inconsciente ou conscientemente. Tudo parecia retirar-se e estar a dar espaço apenas àquilo, ao inominável. Não o encontrará em nenhum templo, mesquita ou igreja, nem em nenhuma página impressa. Não o encontrará em lado nenhum e, o que quer que encontre, não é isso.

Com tantos outros naquela vasta estrutura perto do Corno de Ouro (Istambul), ele estava sentado ao lado de um mendigo com trapos rasgados, de cabeça baixa, a pronunciar alguma oração. Um homem começou a cantar em árabe. Tinha uma voz

maravilhosa, toda a cúpula e o grande edifício ficaram cheios dela, parecia fazer tremer a edificação. Teve um efeito estranho em todos os que lá estavam; escutaram as palavras e a voz com grande respeito e ficaram ao mesmo tempo encantados. Ele era um estranho entre eles; olharam para ele e depois esqueceram-no. O vasto salão encheu-se e em breve houve um silêncio; eles cumpriram o seu ritual um a um e depois partiram. Apenas o mendigo e ele permaneceram; depois o mendigo também partiu. A grande cúpula ficou silenciosa e o edifício ficou vazio, o ruído da vida estava longe.

Se alguma vez caminhar sozinho no alto das montanhas entre os pinheiros e as rochas, deixando tudo no vale muito abaixo de si, quando não há um sussurro entre as árvores e cada pensamento definhou, então isso poderá vir a si, a alteridade. Se o segurar, nunca mais virá; o que segura é a memória disso morto e ido. O que segura não é o real; o seu coração e mente são demasiado pequenos, só podem segurar as coisas do pensamento e isso é estéril. Vá mais longe do vale, muito longe, deixando tudo lá em baixo. Pode voltar e recolhê-los se quiser, mas eles terão perdido o seu peso. Nunca mais será o mesmo.

Após uma longa subida de várias horas, para lá da linha das árvores, ele estava ali entre as rochas e o silêncio que as montanhas têm; havia alguns pinheiros disformes. Não havia vento e tudo estava absolutamente quieto. Caminhando de volta, movendo-se de rocha em rocha, ele ouviu subitamente uma cascavel e saltou. A escassos metros de distância estava a cobra, gorda e quase preta. Com o guizo no meio das espirais, estava pronta para atacar. A cabeça triangular com a sua língua bifurcada a espreitar rapidamente para dentro e para fora, os seus olhos escuros e afiados a observar, estava pronta para atacar se ele se aproximasse mais. Durante toda aquela meia hora ou mais ela nunca piscou, olhou fixamente para si, não tinha pálpebras.

Desenrolando-se lentamente, mantendo a cabeça e a cauda voltadas para ele, começou a mover-se numa forma de U e, quando ele fez um movimento para se aproximar, enrodilhou-se instantaneamente pronta para atacar. Jogámos este jogo durante um curto espaço de tempo; ela estava a ficar cansada e ele deixou-a ir no seu próprio caminho. Era realmente uma coisa assustadora, gorda e mortal.

Tem de estar só com as árvores, os prados e os ribeiros. Nunca está só se carregar as coisas do pensamento, as suas imagens e problemas. A mente não deve estar cheia com as rochas e as nuvens da terra. Deve estar vazia como o vaso acabado de fazer. Então veria algo totalmente novo, algo que nunca existiu. O senhor não pode ver isto se estiver lá; tem de morrer para o ver. Pode pensar que é a coisa importante no mundo, mas não é. Pode ter tudo o que o pensamento reuniu, mas são todos velhos, usados e começam a desmoronar-se.

No vale estava surpreendentemente fresco e perto das cabanas os esquilos estavam à espera das suas nozes. Tinham sido alimentados todos os dias na cabana, em cima da mesa. Eram muito amigáveis e, se não se estivesse lá a horas, começavam o seu ralhete e os gaios-azuis esperavam ruidosamente no exterior.

BROCKWOOD PARK

27 DE SETEMBRO DE 1973

Era um templo em ruínas, com os seus longos corredores sem teto, portões, estátuas sem cabeça e pátios desertos. Tinha-se tornado um santuário para pássaros e macacos, papagaios e pombas. Algumas das estátuas sem cabeça eram ainda massivas na sua beleza; tinham uma dignidade quieta. Todo o lugar estava surpreendentemente limpo e podia-se sentar no chão a observar os macacos e os pássaros a tagarelar. Uma vez, há muito tempo, o templo deve ter sido um lugar próspero com milhares de devotos,

com grinaldas, incenso e oração. A atmosfera deles ainda lá estava, as suas esperanças, medos e a sua reverência. O sagrado santuário tinha desaparecido há muito tempo. Agora os macacos desapareciam à medida que aquecia, mas os papagaios e as pombas tinham os seus ninhos nos buracos e frestas das paredes altas. Este velho templo em ruínas estava demasiado longe para os aldeões o destruírem mais. Se tivessem vindo teriam profanado o vazio.

A religião tornou-se superstição e culto de imagens, crença e ritual. Perdeu a beleza da verdade; o incenso tomou o lugar da realidade. Em vez da perceção direta há no seu lugar a imagem esculpida pela mão ou pela mente. A única preocupação da religião é a transformação total do homem. E todo o circo que gira ao seu redor é um nonsense. É por isso que a verdade não se encontra em nenhum templo, igreja ou mesquita, por mais bonitos que sejam. A beleza da verdade e a beleza da pedra são duas coisas diferentes. Uma abre a porta ao imensurável e a outra à prisão do homem; uma à liberdade e a outra ao cativeiro do pensamento. O romantismo e a sentimentalidade negam a própria natureza da religião, nem ela é um brinquedo do intelecto. O conhecimento na área da ação é necessário para funcionar de forma eficiente e objetiva, mas o conhecimento não é o meio de transformação do homem; o conhecimento é a estrutura do pensamento e o pensamento é a repetição enfadonha do conhecido, por muito modificado e ampliado que seja. Não há liberdade através dos caminhos do pensamento, do conhecido. A cobra longa jazia muito quieta ao longo da crista seca dos campos de arroz, deliciosamente verde e brilhante ao sol da manhã. Provavelmente estava a descansar ou à espera de algum sapo descuidado. Os sapos estavam a ser enviados na altura para a Europa para serem comidos como uma iguaria. A cobra era longa e amarelada, e muito quieta; era quase da cor da terra seca, difícil

de ver, mas a luz do dia estava nos seus olhos escuros. A única coisa que se movia, para dentro e para fora, era a sua língua preta. Não podia estar consciente do observador que estava um pouco atrás da sua cabeça. A morte estava em todo o lado naquela manhã. Podia-se ouvi-la na aldeia; os grandes soluços enquanto o corpo, envolto num pano, estava a ser carregado para fora; um milhafre descia em pique sobre um pássaro; algum animal estava a ser morto, ouviam-se os seus gritos agonizantes. Assim continuava dia após dia: a morte está sempre em todo o lado, tal como o sofrimento.

A beleza da verdade e as suas subtilezas não estão na crença e no dogma, nunca estão onde o homem as possa encontrar, pois não há caminho para a sua beleza; não é um ponto fixo, um porto de abrigo. Tem a sua própria ternura cujo amor não pode ser medido, nem o senhor o pode segurar, experienciá-lo. Não tem valor de mercado para ser usado e posto de parte. Está lá quando a mente e o coração estão vazios das coisas do pensamento. O monge ou o homem pobre não estão perto dela, nem o rico; nem o intelectual nem o talentoso a podem tocar. Aquele que diz que sabe nunca se aproximou dela. Esteja muito longe do mundo e, contudo, viva-o.

Os papagaios chilreavam estridentemente e esvoaçavam ao redor da tamareira naquela manhã; começam cedo a sua atividade irrequieta, com o seu ir e vir. Eram traços brilhantes de verde com bicos vermelhos, fortes e curvos. Nunca pareciam voar em linha reta, mas sempre em ziguezague, gritando enquanto voavam. Ocasionalmente vinham sentar-se no parapeito da varanda; então podia-se observá-los, mas não por muito tempo; partiam de novo com o seu voo louco e ruidoso. O seu único inimigo parecia ser o homem. Ele coloca-os numa gaiola.

BROCKWOOD PARK

28 DE SETEMBRO DE 1973

O cão grande e preto tinha acabado de matar uma cabra; tinha sido punido severamente e atado, e estava agora a ganir e a ladrar. A casa tinha uma parede alta ao seu redor, mas de algum modo a cabra tinha entrado e o cão tinha-a perseguido e matado. O proprietário da casa fez reparações com palavras e prata. Era uma casa grande com árvores ao redor e o relvado nunca estava completamente verde, por muito que fosse regado. O sol era cruelmente forte e todas as flores e arbustos tinham de ser regados duas vezes por dia; o solo era pobre e o calor do dia quase murchava a verdura. Mas as árvores tinham crescido grandes e davam sombras reconfortantes e podia-se sentar ali logo de manhã cedo, quando o sol estava bem atrás das árvores. Era um bom lugar se quisesse sentar-se quietamente e perder-se na meditação, mas não se quisesse sonhar acordado ou perder-se nalguma ilusão satisfatória. Era demasiado severo ali naquelas sombras, demasiado exigente, pois todo o lugar estava entregue àquele tipo de contemplação quieta. Podia comprazer-se nas suas fantasias amigas, mas logo descobriria que o lugar não convidava as imagens do pensamento.

Ele estava sentado com um pano sobre a cabeça, a chorar; a sua mulher tinha acabado de morrer. Não queria mostrar as suas lágrimas aos filhos; eles também choravam, sem compreenderem bem o que tinha acontecido. A mãe de muitos filhos tinha andado indisposta e, ultimamente, muito doente; o pai sentava-se à sua cabeceira. Ele nunca parecia sair e, um dia, após algumas cerimónias, a mãe foi levada para fora. A casa tinha-se tornado estranhamente vazia, sem o perfume que a mãe lhe dera, e nunca mais foi a mesma, pois havia agora sofrimento na casa. O pai sabia-o; os filhos tinham perdido alguém para sempre, mas ainda não sabiam o significado do sofrimento.

Ele está sempre lá, não se pode simplesmente esquecê-lo, não se pode cobri-lo através de alguma forma de entretenimento, religioso ou outro. Pode-se fugir dele, mas ele estará lá para o encontrar novamente. O senhor pode perder-se em algum culto, oração ou nalguma crença reconfortante, mas ele aparecerá de novo, sem ser chamado. O florescimento do sofrimento é a amargura, o cinismo ou algum comportamento neurótico. O senhor pode ser agressivo, violento e desagradável na sua conduta, mas o sofrimento está onde o senhor está. Pode ter poder, posição e os prazeres do dinheiro, mas ele estará lá no seu coração, à espera e a preparar-se. Faça o que fizer, não pode escapar dele. O amor que tem termina em sofrimento; o sofrimento é tempo, o sofrimento é pensamento.

A árvore é cortada e o senhor derrama uma lágrima; um animal é morto para o seu paladar; a terra está a ser destruída para o seu prazer; o senhor está a ser educado para matar, para destruir, homem contra homem. A nova tecnologia e as máquinas estão a assumir o trabalho duro do homem, mas o senhor não pode acabar com o sofrimento através das coisas que o pensamento reuniu. O amor não é prazer.

Ela veio desesperada no seu sofrimento; falou, despejando todas as coisas por que tinha passado, a morte, as futilidades dos seus filhos, a política deles, os seus divórcios, as suas frustrações, a amargura e a absoluta futilidade de toda a vida que não tinha sentido. Já não era jovem; na sua juventude tinha apenas desfrutado, tido um interesse passageiro pela política, uma licenciatura em economia e mais ou menos o tipo de vida que quase toda a gente leva. O seu marido tinha morrido recentemente e todo o sofrimento parecia descer sobre ela. Ela ficou quieta enquanto falávamos.

Qualquer movimento do pensamento é o aprofundamento do sofrimento. O pensamento com as suas memórias, com as suas

imagens de prazer e dor, com a sua solidão e lágrimas, com a sua pena de si próprio e remorso, é o solo do sofrimento. Escute o que está a ser dito. Escute apenas, não os ecos do passado, a superação do sofrimento ou como escapar à sua tortura, mas escute com o seu coração, com todo o seu ser, o que está agora a ser dito. A sua dependência e apego prepararam o solo para o seu sofrimento. A sua negligência no estudo de si próprio e a beleza que isso traz alimentaram o seu sofrimento; todas as suas actividades centradas no eu o levaram a este sofrimento. Escute apenas o que está a ser dito: fique com isso, não se desvie. Qualquer movimento do pensamento é o fortalecimento do sofrimento. O pensamento não é amor. O amor não tem sofrimento.

BROCKWOOD PARK

29 DE SETEMBRO DE 1973

As chuvas tinham quase terminado e o horizonte fluía com nuvens volumosas, brancas e douradas; erguiam-se até aos céus azuis e verdes. Todas as folhas de cada arbusto estavam lavadas e limpas, e cintilavam ao sol da manhã cedo. Era uma manhã de deleite, a terra regozijava-se e parecia haver uma bênção no ar. Do alto daquele quarto via-se o mar azul, o rio a correr para ele, as palmeiras e as mangueiras. Susteve-se a respiração perante a maravilha da terra e a imensa forma das nuvens. Era cedo, quieto, e o ruído do dia ainda não tinha começado; do outro lado da ponte quase não havia tráfego, apenas uma longa fila de carros de bois, carregados de feno. Anos mais tarde viriam os autocarros com a sua poluição e azáfama. Era uma manhã encantadora, cheia de canto e ventura.

Os dois irmãos foram levados num carro a uma aldeia próxima para verem o pai, que não viam há quase quinze anos ou mais. Tiveram de caminhar uma curta distância numa estrada mal conservada. Chegaram a um tanque, um reservatório de água;

todos os seus lados tinham degraus de pedra que desciam até à água límpida. Numa das extremidades havia um pequeno templo com uma pequena torre quadrada, bastante estreita no topo; havia muitas imagens de pedra em todo o redor. Na varanda do templo, com vista para o grande lago, estavam algumas pessoas, absolutamente imóveis, como aquelas imagens na torre, perdidas em meditação. Para lá da água, logo atrás de algumas outras casas, ficava a casa onde o pai vivia. Ele saiu quando os dois irmãos se aproximaram e eles cumprimentaram-no prostrando-se totalmente, tocando-lhe nos pés. Eram tímidos e esperaram que ele falasse, como era o costume. Antes de dizer qualquer coisa, ele foi para dentro lavar os pés, pois os rapazes tinham-lhes tocado. Ele era um Brâmane muito ortodoxo, ninguém podia tocar-lhe exceto outro Brâmane, e os seus dois filhos tinham sido poluídos por se misturarem com outros que não eram da sua classe e por terem comido comida cozinhada por não-Brâmanes. Por isso lavou os pés e sentou-se no chão, não muito perto dos seus filhos poluídos. Conversaram durante algum tempo e aproximou-se a hora em que se come. Ele mandou-os embora, pois não podia comer com eles; eles já não eram Brâmanes. Ele devia ter afeição por eles, pois afinal eram os seus filhos que não via há tantos anos. Se a mãe deles estivesse viva, talvez lhes tivesse dado comida, mas certamente não teria comido com os seus filhos. Eles deviam ter uma profunda afeição pelos seus filhos, mas a ortodoxia e a tradição proibiam qualquer contacto físico com eles. A tradição é muito forte, mais forte do que o amor.

A tradição da guerra é mais forte do que o amor; a tradição de matar para comer e matar o chamado inimigo nega a ternura e a afeição humanas; a tradição de longas horas de trabalho gera uma crueldade eficiente; a tradição do casamento torna-se em breve uma escravidão; as tradições dos ricos e dos pobres mantêm-nos

separados; cada profissão tem a sua própria tradição, a sua própria elite que gera inveja e inimizade. As cerimónias e rituais tradicionais nos lugares de culto, em todo o mundo, separaram o homem do homem e as palavras e gestos não têm significado algum. Mil ontens, por mais ricos e belos que sejam, negam o amor.

Atravessa-se uma ponte decrepita para o outro lado de um ribeiro estreito e lamacento que se junta ao rio grande e largo; chega-se a uma pequena aldeia de lama e tijolos secos ao sol. Há quantidades de crianças, a gritar e a brincar; as pessoas mais velhas estão nos campos ou a pescar, ou a trabalhar na cidade próxima. Num pequeno quarto escuro, uma abertura na parede é a janela; nenhuma mosca entraria nesta escuridão. Estava fresco ali dentro. Naquele pequeno espaço estava um tecelão com um tear grande; não sabia ler, mas era educado à sua maneira, cortês e totalmente absorvido nos seus trabalhos. Produzia um tecido requintado de ouro e prata com belos padrões. Em qualquer cor de pano ou seda, ele podia tecer nos padrões tradicionais o mais fino e o melhor. Tinha nascido para essa tradição; era pequeno, gentil e ansioso por mostrar o seu maravilhoso talento. Observava-se, enquanto ele produzia a partir de fios de seda o mais fino dos tecidos, com maravilha e amor no coração. Ali estava a peça tecida de grande beleza, nascida da tradição.

BROCKWOOD PARK

30 DE SETEMBRO DE 1973

Era uma cobra longa e amarelada a atravessar a estrada sob uma figueira-dos-pagodes. Ele tinha ido dar uma longa caminhada e estava a voltar quando viu a cobra. Seguiu-a, bastante de perto, até um monte; ela espreitava para cada buraco; estava totalmente inconsciente dele, embora ele estivesse quase em cima dela. Era bastante gorda; havia uma grande saliência no meio do seu

comprimento. Os aldeões no caminho para casa tinham parado de falar e observavam; um deles disse-lhe que era uma cobra-capelo e que era melhor ter cuidado. A cobra desapareceu num buraco e ele retomou a sua caminhada. Intento em ver a cobra novamente no mesmo local, regressou no dia seguinte. Não havia cobra lá, mas os aldeões tinham colocado um recipiente raso com leite, algumas calêndulas e uma pedra grande com algumas cinzas e algumas outras flores. Aquele lugar tinha-se tornado sagrado e todos os dias haveria flores frescas; os aldeões em redor sabiam que aquele lugar se tinha tornado sagrado. Ele regressou vários meses mais tarde àquele lugar; havia leite fresco, flores frescas e a pedra estava recém-decorada. E a figueira-dos-pagodes estava um pouco mais velha.

O templo tinha vista para o Mediterrâneo azul; estava em ruínas e restavam apenas as colunas de mármore. Numa guerra fora destruído, mas ainda era um santuário sagrado. Num entardecer, com o sol dourado no mármore, sentia-se a atmosfera sagrada; estava-se só, sem visitantes por perto e a sua tagarelice sem fim. As colunas estavam a tornar-se ouro puro e o mar lá muito abaixo era intensamente azul. Uma estátua da deusa estava lá, preservada e fechada à chave; só se podia vê-la a certas horas e ela estava a perder a beleza do ser sagrado. O mar azul permanecia.

Era uma casa de campo simpática com um relvado que tinha sido rolado, cortado e limpo de ervas daninhas durante muitos anos. Todo o lugar estava bem cuidado, próspero e alegre; atrás da casa havia uma pequena horta; era um lugar encantador com um ribeiro suave a correr ao lado, quase sem fazer barulho. A porta abriu-se e foi segurada por uma estátua do Buda, empurrada com o pé para o lugar. O proprietário estava totalmente inconsciente do que estava a fazer; para ele era um para-portas. O senhor perguntava-se se ele faria o mesmo com uma estátua que

venerasse, pois era cristão. O senhor nega as coisas sagradas de outro, mas guarda as suas próprias; as crenças de outro são superstições, mas as suas próprias são razoáveis e reais. O que é sagrado?

Ele tinha-o apanhado, disse ele, numa praia; era um pedaço de madeira lavada pelo mar com a forma de uma cabeça humana. Era feito de madeira dura, moldado pelas águas do mar, limpo por muitas estações. Ele tinha-o trazido para casa e colocado sobre a lareira; olhava para ele de tempos a tempos e admirava o que tinha feito. Um dia, colocou algumas flores ao seu redor e depois isso acontecia todos os dias; sentia-se desconfortável se não houvesse flores frescas todos os dias e, gradualmente, aquele pedaço de madeira moldada tornou-se muito importante na sua vida. Não permitia que ninguém lhe tocasse exceto ele próprio; poderiam profaná-lo; lavava as mãos antes de lhe tocar. Tinha-se tornado santo, sagrado, e ele sozinho era o seu sumo sacerdote; ele representava-o; dizia-lhe coisas que ele nunca poderia saber por si próprio. A sua vida estava preenchida com aquilo e ele estava, disse ele, indizivelmente feliz.

O que é sagrado? Não as coisas feitas pela mente ou pela mão ou pelo mar. O símbolo nunca é o real; a palavra relva não é a relva do campo; a palavra deus não é deus. A palavra nunca contém o todo, por muito astuta que seja a descrição. A palavra sagrado não tem significado por si própria; torna-se sagrada apenas na sua relação com algo, ilusório ou real. O que é real não são as palavras da mente; a realidade, a verdade, não pode ser tocada pelo pensamento. Onde o percecionador está, a verdade não está. O pensador e o seu pensamento têm de chegar ao fim para que a verdade seja. Então aquilo que é, é sagrado, aquele mármore antigo com o sol dourado sobre ele, aquela cobra e o aldeão. Onde não há amor, nada é sagrado. O amor é inteiro e nele não há fragmentação.

BROCKWOOD PARK

2 DE OUTUBRO DE 1973

A consciência é o seu conteúdo; o conteúdo é a consciência. Toda a ação é fragmentária quando o conteúdo da consciência é quebrado. Esta atividade gera conflito, miséria e confusão; então o sofrimento é inevitável.

Do ar, àquela altura, podiam ver-se os campos verdes, cada um separado do outro em forma, tamanho e cor. Um ribeiro descia para ir ao encontro do mar; muito para lá dele estavam as montanhas, carregadas de neve. Por toda a terra havia cidades grandes e extensas, aldeias; nas colinas havia castelos, igrejas e casas, e para lá delas estavam os vastos desertos, castanhos, dourados e brancos. Depois havia o mar azul novamente e mais terra com florestas densas. Toda a terra era rica e bonita.

Ele caminhou ali, esperando encontrar um tigre, e encontrou. Os aldeões tinham vindo dizer ao seu anfitrião que um tigre tinha matado uma vaca jovem na noite anterior e voltaria nessa noite para a presa. Gostariam de o ver? Seria construída uma plataforma numa árvore e de lá podia ver-se o grande matador e também atariam uma cabra à árvore para ter a certeza de que o tigre viria. Ele disse que não gostaria de ver uma cabra ser morta para seu prazer. Assim, o assunto foi posto de parte. Mas ao fim da tarde, enquanto o sol estava atrás de uma colina ondulante, o seu anfitrião desejou dar um passeio de carro, esperando que por acaso pudessem ver o tigre que tinha matado a vaca. Conduziram durante alguns quilómetros floresta adentro; ficou bastante escuro e, com os faróis acesos, voltaram para trás. Tinham perdido qualquer esperança de ver o tigre enquanto regressavam. Mas, assim que dobraram uma curva, lá estava ele, sentado sobre as ancas no meio da estrada, enorme, listado, com os olhos brilhantes nos faróis. O carro parou e ele veio em direção a eles a

rosnar, e os rosnados faziam tremer o carro; era surpreendentemente grande e a sua longa cauda com a ponta preta movia-se lentamente de um lado para o outro. Estava irritado. A janela estava aberta e, quando ele passou a rosnar, ele estendeu a mão para acariciar essa grande energia da floresta, mas o seu anfitrião rapidamente puxou-lhe o braço para trás, explicando mais tarde que ele lhe teria arrancado o braço. Era um animal magnífico, cheio de majestade e poder.

Lá em baixo, naquela terra, havia tiranos a negar a liberdade ao homem, ideólogos a moldar a mente do homem, padres com os seus séculos de tradição e crença a escravizar o homem; os políticos com as suas promessas sem fim traziam corrupção e divisão. Lá em baixo o homem está preso em conflito e sofrimento sem fim e nas luzes brilhantes do prazer. É tudo tão inteiramente sem sentido, a dor, o trabalho e as palavras dos filósofos. A morte, a infelicidade e o trabalho duro, homem contra homem.

Esta variedade complexa, mudanças modificadas no padrão do prazer e da dor, são o conteúdo da consciência do homem, moldada e condicionada pela cultura em que foi nutrida, com as suas pressões religiosas e económicas. A liberdade não está dentro dos limites de tal consciência; o que é aceite como liberdade é na realidade uma prisão tornada de certo modo habitável através do crescimento da tecnologia. Nesta prisão há guerras, tornadas mais destrutivas pela ciência e pelo lucro. A liberdade não reside na mudança de prisões, nem em qualquer mudança de gurus, com a sua autoridade absurda. A autoridade não traz a sanidade da ordem. Pelo contrário, gera desordem e deste solo cresce a autoridade. A liberdade não é em fragmentos. Uma mente não fragmentada, uma mente que é inteira, está em liberdade. Não sabe que é livre; o que é conhecido está dentro da área do tempo, do passado através do presente para o futuro. Todo

o movimento é tempo e o tempo não é um factor de liberdade. A liberdade de escolha nega a liberdade; a escolha existe apenas onde há confusão. A clareza da perceção, a visão profunda, é a libertação da dor da escolha. A ordem total é a luz da liberdade. Esta ordem não é filha do pensamento, pois toda a atividade do pensamento é cultivar a fragmentação. O amor não é um fragmento do pensamento, do prazer. A perceção disto é inteligência. O amor e a inteligência são inseparáveis e disto flui a ação que não gera dor. A ordem é o seu solo.

BROCKWOOD PARK

3 DE OUTUBRO DE 1973

Estava bastante frio no aeroporto tão cedo de manhã; o sol estava a nascer. Todos estavam agasalhados e os pobres carregadores tremiam; havia o ruído habitual de um aeroporto, os rugidos dos jatos, a tagarelice alta, as despedidas e a descolagem. O avião estava cheio de turistas, homens de negócios e outros que iam para a cidade sagrada, com a sua imundície e gente fervilhante. Em breve a vasta cordilheira dos Himalaias tornou-se rosa ao sol da manhã; voávamos para sudeste e, durante centenas de quilómetros, estes picos imensos pareciam estar suspensos no ar com beleza e majestade. O passageiro no lugar ao lado estava imerso num jornal; havia uma mulher do outro lado do corredor que se concentrava no seu rosário; os turistas falavam alto e tiravam fotografias uns aos outros e às montanhas distantes; todos estavam ocupados com as suas coisas e não tinham tempo para observar a maravilha da terra e o seu rio sagrado meandroso, nem a beleza subtil daqueles grandes picos que se tornavam cor-de-rosa.

Havia um homem mais à frente no corredor a quem era prestado um respeito considerável; não era jovem, parecia ter o rosto de um erudito, era rápido nos movimentos e vestia-se com

limpeza. O senhor perguntava-se se ele alguma vez vira a glória real daquelas montanhas. Em breve ele levantou-se e veio em direcção ao passageiro no lugar ao lado; perguntou se podia trocar de lugar com ele. Sentou-se, apresentando-se, e perguntou se podia ter uma conversa connosco. Falava inglês de forma um pouco hesitante, escolhendo as suas palavras com cuidado, pois não estava muito familiarizado com esta língua; tinha uma voz clara e suave e era agradável nas suas maneiras. Começou por dizer que era muito afortunado por viajar no mesmo avião e ter esta conversa. "Claro que ouço falar do senhor desde a minha juventude e ainda no outro dia ouvi a sua última palestra, a meditação e o observador. Sou um erudito, um pundita, a praticar o meu próprio tipo de meditação e disciplina." As montanhas afastavam-se mais para leste e abaixo de nós o rio fazia padrões largos e amigáveis.

"O senhor disse que o observador é o observado, o meditador é a meditação e que só há meditação quando o observador não é. Gostaria de ser informado sobre isto. Para mim a meditação tem sido o controlo do pensamento, fixando a mente no absoluto."

O controlador é o controlado, não é? O pensador é os seus pensamentos; sem palavras, imagens, pensamentos, há um pensador? Aquele que experimenta é a experiência; sem experiência não há experienciador. O controlador do pensamento é feito de pensamento; ele é um dos fragmentos do pensamento, chame-lhe o que quiser; a agência exterior, por muito sublime que seja, é ainda um produto do pensamento; a atividade do pensamento é sempre para fora e provoca a fragmentação.

"Poderá a vida alguma vez ser vivida sem controlo? É a essência da disciplina."

Quando o controlador é o controlado, visto como um facto absoluto como a verdade, então surge um tipo de energia

totalmente diferente que transforma o que é. O controlador nunca pode mudar o que é; pode controlá-lo, suprimi-lo, modificá-lo ou fugir dele, mas nunca pode ir além e acima dele. A vida pode e deve ser vivida sem controlo. Uma vida controlada nunca é sã; gera conflito, miséria e confusão sem fim.

"Este é um conceito totalmente novo."

Se me permite notar, não é uma abstração, uma fórmula. Há apenas o que é. O sofrimento não é uma abstração; pode-se tirar uma conclusão dele, um conceito, uma estrutura verbal, mas não é o que é, o sofrimento. As ideologias não têm realidade; há apenas o que é. Isto nunca pode ser transformado quando o observador se separa do observado.

"Esta é a sua experiência direta?"

Seria totalmente vaidoso e estúpido se fossem meras estruturas verbais do pensamento; falar de tais coisas seria hipocrisia.

"Gostaria de ter descoberto através do senhor o que é a meditação, mas agora não há tempo, pois estamos prestes a aterrar."

Havia grinaldas à chegada e o céu de Inverno era intensamente azul.

BROCKWOOD PARK

4 DE OUTUBRO DE 1973

Quando era um rapaz jovem, costumava sentar-se sozinho debaixo de uma árvore grande perto de um lago em que cresciam lótus; eram cor-de-rosa e tinham um cheiro forte. Da sombra daquela árvore espaçosa, ele observava as cobras verdes e finas e os camaleões, os sapos e as cobras-de-água. O seu irmão, com outros, vinha levá-lo para casa. [Krishnamurti está a descrever a

sua própria infância.] Era um lugar agradável debaixo da árvore, com o rio e o lago. Parecia haver tanto espaço, e nisto a árvore fazia o seu próprio espaço. Tudo precisa de espaço. Todos aqueles pássaros nos fios do telégrafo, sentados tão igualmente espaçados numa tarde quieta, fazem o espaço para os céus.

Os dois irmãos sentavam-se com muitos outros na sala com quadros; haveria um cântico em sânscrito e depois silêncio completo; era a meditação da tarde. O irmão mais novo adormecia, rolava e acordava apenas quando os outros se levantavam para partir. A sala não era muito grande e dentro das suas paredes estavam os quadros, as imagens do sagrado. Dentro dos limites estreitos de um templo ou igreja, o homem dá forma ao vasto movimento do espaço. É assim em todo o lado; na mesquita ele é detido nas linhas graciosas das palavras. O amor precisa de um grande espaço.

Àquele lago vinham cobras e ocasionalmente pessoas; tinha degraus de pedra que desciam até à água onde crescia o lótus. O espaço que o pensamento cria é mensurável e por isso é limitado; as culturas e as religiões são o seu produto. Mas a mente está cheia de pensamento e é feita de pensamento; a sua consciência é a estrutura do pensamento, tendo pouco espaço dentro de si. Mas este espaço é o movimento do tempo, de aqui para ali, do seu centro em direção às suas linhas exteriores de consciência, estreitas ou em expansão. O espaço que o centro faz para si próprio é a sua própria prisão. As suas relações são a partir deste espaço estreito, mas tem de haver espaço para viver; o da mente nega o viver. Viver dentro dos limites estreitos do centro é luta, dor e sofrimento, e isso não é viver. O espaço, a distância entre o senhor e a árvore, é a palavra, o conhecimento que é tempo. O tempo é o observador que faz a distância entre si próprio e as árvores, entre si próprio e o que é. Sem o observador, a distância cessa. A identificação com as árvores, com outro ou com uma

fórmula, é a ação do pensamento no seu desejo de proteção, segurança. A distância é de um ponto a outro e para alcançar esse ponto o tempo é necessário; a distância só existe onde há direção, para dentro ou para fora. O observador faz uma separação, uma distância entre si próprio e o que é; disto cresce o conflito e o sofrimento. A transformação do que é tem lugar apenas quando não há separação, não há tempo, entre o vidente e o visto. O amor não tem distância.

O irmão morreu e não houve movimento em nenhuma direção para longe do sofrimento. Este não-movimento é o fim do tempo. Foi entre as colinas e as sombras verdes que o rio começou e com um rugido entrou no mar e nos horizontes sem fim. O homem vive em caixas com gavetas, hectares delas, e elas não têm espaço; são violentas, brutais, agressivas e maliciosas; separam-se e destroem-se mutuamente. O rio é a terra e a terra é o rio; cada um não pode existir sem o outro.

Não há fim para as palavras, mas a comunicação é verbal e não-verbal. O ouvir da palavra é uma coisa e o ouvir de nenhuma palavra é outra; uma é irrelevante, superficial, conduzindo à inação; a outra é ação não fragmentária, o florescimento da bondade. As palavras deram paredes bonitas, mas nenhum espaço. A recordação, a imaginação, são a dor do prazer, e o amor não é prazer.

A cobra longa, fina e verde estava lá naquela manhã; era delicada e estava quase entre as folhas verdes; estaria lá, imóvel, à espera e a observar. A cabeça grande do camaleão estava a mostrar-se; jazia ao longo de um ramo; mudava de cor com bastante frequência.

BROCKWOOD PARK

6 DE OUTUBRO DE 1973

Há uma única árvore num campo verde que ocupa um hectare inteiro; é velha e altamente respeitada por todas as outras árvores na colina. Na sua solidão domina o ribeiro ruidoso, as colinas e a casa de campo do outro lado da ponte de madeira. Admira-a quando passa por ela, mas no regresso olha para ela de uma forma mais pausada; o seu tronco é muito grande, profundamente cravado na terra, sólido e indestrutível; os seus ramos são longos, escuros e curvos; tem sombras ricas. Ao entardecer recolhe-se em si mesma, inacessível, mas durante as horas de luz do dia está aberta e é acolhedora. É inteira, intocada por um machado ou serra. Num dia de sol sentou-se debaixo dela, sentiu a sua idade venerável e, porque estava sozinho com ela, esteve consciente da profundidade e da beleza da vida.

O velho aldeão passou por si cansadamente, enquanto estava sentado numa ponte a olhar para o pôr do sol; estava quase cego, a coxear, a carregar uma trouxa numa mão e na outra um cajado. Era um daqueles entardeceres em que as cores do pôr do sol estavam em cada rocha, árvore e arbusto; a relva e os campos pareciam ter a sua própria luz interior. O sol tinha-se posto atrás de uma colina arredondada e, no meio destas cores extravagantes, deu-se o nascimento da estrela da tarde. O aldeão parou diante de si, olhou para aquelas cores impressionantes e para si. Olharam um para o outro e, sem uma palavra, ele continuou a penar o seu caminho. Naquela comunicação havia afeição, ternura e respeito, não o respeito tolo, mas o dos homens religiosos. Naquele momento, todo o tempo e pensamento tinham chegado ao fim. O senhor e ele eram inteiramente religiosos, não corrompidos por crença, imagem, por palavra ou pobreza. Passavam frequentemente um pelo outro naquela estrada entre as colinas rochosas e, de cada vez, ao olharem um para o outro, havia a alegria da visão profunda total.

Ele vinha, com a sua mulher, do templo do outro lado do caminho. Estavam ambos silenciosos, profundamente comovidos pelos cânticos e pelo culto. O senhor ia a caminhar atrás deles e captou a sensação da sua reverência, a força da sua determinação em levar uma vida religiosa. Mas isso em breve passaria, à medida que fossem arrastados para a sua responsabilidade em relação aos filhos, que vinham a correr ao seu encontro. Ele tinha algum tipo de profissão, era provavelmente capaz, pois tinha uma casa grande. O peso da existência afogá-lo-ia e, embora fosse ao templo frequentemente, a batalha continuaria.

A palavra não é a coisa; a imagem, o símbolo não é o real. A realidade, a verdade, não é uma palavra. Colocá-la em palavras apaga-a e a ilusão toma o seu lugar. O intelecto pode rejeitar toda a estrutura da ideologia, da crença e de todos os adornos e poder que as acompanham, mas a razão pode justificar qualquer crença, qualquer ideação. A razão é a ordem do pensamento e o pensamento é a resposta do exterior. Porque é o exterior, o pensamento reúne o interior. Nenhum homem pode jamais viver apenas com o exterior, e o interior torna-se uma necessidade. Esta divisão é o solo no qual a batalha do "eu" e do "não eu" tem lugar. O exterior é o deus das religiões e das ideologias; o interior tenta conformar-se a essas imagens e o conflito daí decorre.

Não há nem o exterior nem o interior, mas apenas o todo. O experienciador é o experienciado. A fragmentação é insanidade. Esta totalidade não é meramente uma palavra; é quando a divisão como exterior e interior cessa inteiramente. O pensador é o pensamento.

Subitamente, enquanto caminhava, sem um único pensamento, mas apenas a observar sem o observador, ficou consciente de um caracter sagrado que o pensamento nunca foi capaz de conceber. O senhor pára, observa as árvores, os pássaros e o transeunte; não é uma ilusão ou algo com que a mente se iluda

a si própria. Está ali nos seus olhos, em todo o seu ser. A cor da borboleta é a borboleta.

As cores que o sol tinha deixado estavam a esvanecer-se e, antes do escurecer, a tímida lua nova mostrou-se antes de desaparecer atrás da colina.

BROCKWOOD PARK

7 DE OUTUBRO DE 1973

Foi uma daquelas chuvas de montanha que duram três ou quatro dias, trazendo consigo um tempo mais fresco. A terra estava encharcada e pesada e todos os caminhos da montanha estavam escorregadios; pequenos ribeiros desciam pelas encostas íngremes e o trabalho nos campos em patamares tinha parado. As árvores e as plantações de chá estavam cansadas da humidade; não havia sol há mais de uma semana e estava a ficar bastante fresco. As montanhas ficavam a norte, com a sua neve e picos gigantescos. As bandeiras ao redor dos templos estavam pesadas com a chuva; tinham perdido o seu deleite, as suas cores alegres a esvoaçar na aragem. Havia trovoadas e relâmpagos e o som era levado de vale em vale; um nevoeiro denso escondia os clarões afiados de luz.

Na manhã seguinte havia o céu azul límpido e terno, e os grandes picos, quietos e intemporais, estavam iluminados pelo sol da manhã cedo. Um vale profundo descia entre a aldeia e as montanhas altas; estava cheio de um nevoeiro azul-escuro. Em frente, a erguer-se no céu límpido, estava o segundo pico mais alto dos Himalaias. Podia quase tocar-lhe, mas estava a muitos quilómetros de distância; esquecia-se a distância, pois ele estava ali, em toda a sua majestade, tão inteiramente puro e imensurável. Ao fim da manhã tinha desaparecido, escondido nas nuvens a escurecer vindas do vale. Apenas de manhã cedo se mostrava e desaparecia poucas horas mais tarde. Não admira que os antigos

procurassem os seus deuses nestas montanhas, no trovão e nas nuvens. A divindade da sua vida estava na bênção que jazia escondida nestas neves inacessíveis.

Os seus discípulos vieram convidá-lo a visitar o guru deles; o senhor recusou educadamente, mas eles vinham frequentemente, esperando que mudasse de ideias ou aceitasse o seu convite, ficando cansado da sua insistência. Assim, ficou decidido que o guru viria com alguns dos seus discípulos escolhidos.

Era uma rua pequena e ruidosa; as crianças jogavam críquete ali; tinham um taco e os cepos eram alguns tijolos avulsos. Com gritos e gargalhadas jogavam alegremente enquanto podiam, parando apenas para um carro que passava, já que o condutor respeitava o seu jogo. Jogavam dia após dia e naquela manhã estavam particularmente ruidosas quando o guru chegou, a carregar um pequeno cajado polido.

Vários de nós estávamos sentados num colchão fino no chão quando ele entrou na sala, e levantámo-nos e oferecemos-lhe o colchão. Sentou-se de pernas cruzadas, colocando a sua bengala à sua frente; aquele colchão fino parecia dar-lhe uma posição de autoridade. Tinha encontrado a verdade, experienciado a verdade e, por isso, ele, que sabia, estava a abrir a porta para nós. O que ele dizia era lei para si e para os outros; o senhor era meramente um buscador, enquanto ele tinha encontrado. O senhor podia estar perdido na sua busca e ele ajudá-lo-ia ao longo do caminho, mas devia obedecer. Quietamente o senhor respondeu que toda a busca e o achado não tinham significado a menos que a mente estivesse livre do seu condicionamento; que a liberdade é o primeiro e o último passo, e a obediência a qualquer autoridade em matérias da mente é estar preso na ilusão e na ação que gera sofrimento. Ele olhou para si com pena, preocupação e com uma pitada de irritação, como se o senhor estivesse ligeiramente demente.

Depois disse: "A maior e final experiência foi-me concedida e nenhum buscador pode recusar isso."

Se a realidade ou a verdade há de ser experienciada, então é apenas uma projeção da sua própria mente. O que é experienciado não é a verdade, mas uma criação da sua própria mente.

Os seus discípulos estavam a ficar irrequietos. Os seguidores destroem os seus mestres e a si próprios. Ele levantou-se e partiu, seguido pelos seus discípulos. As crianças ainda jogavam na rua, alguém foi eliminado, seguido de palmas e vivas selvagens.

Não há caminho para a verdade, histórica ou religiosamente. Não é para ser experienciada ou encontrada através da dialética; não é para ser vista em opiniões e crenças mutáveis. O senhor deparará com ela quando a mente estiver livre de todas as coisas que reuniu. Aquele pico majestoso é também o milagre da vida.

BROCKWOOD PARK

8 DE OUTUBRO DE 1973

Os macacos estavam por todo o lado naquela manhã quieta; na varanda, no telhado e na mangueira – um bando inteiro deles; eram da variedade de cara vermelha e acastanhada. Os pequeninos perseguiam-se uns aos outros entre as árvores, não muito longe das suas mães, e o macho grande estava sentado sozinho, a deitar um olho a todo o bando; devia haver cerca de vinte deles. Eram bastante destrutivos e, à medida que o sol subia mais alto, desapareciam lentamente na floresta mais densa, para longe da habitação humana; o macho foi o primeiro a partir e os outros seguiram-no quietamente. Depois os papagaios e os corvos voltaram com o seu chinfrim habitual a anunciar a sua presença. Havia um corvo que chamava, ou lá o que ele faz, numa voz rouca, habitualmente por volta da mesma hora, e mantinha aquilo sem fim até ser espantado. Dia após dia repetia esta atuação; o seu

crocitar penetrava profundamente na sala e, de algum modo, todos os outros ruídos pareciam ter chegado ao fim. Estes corvos evitam disputas violentas entre si, são rápidos, muito vigilantes e eficientes na sua sobrevivência. Os macacos não parecem gostar deles. Ia ser um dia bonito.

Ele era um homem magro, fibroso, com uma cabeça bem moldada e olhos que tinham conhecido a gargalhada. Estávamos sentados num banco com vista para o rio, à sombra de uma tamareira, a morada de muitos papagaios e de um casal de pequenos mochos-galegos que apanhavam sol ao sol da manhã cedo.

Ele disse: "Passei muitos anos em meditação, a controlar os meus pensamentos, a jejuar e a ter uma refeição por dia. Costumava ser um assistente social, mas deixei isso há muito tempo, pois descobri que esse trabalho não resolvia o profundo problema humano. Há muitos outros que continuam com tal trabalho, mas já não é para mim. Tornou-se importante para mim compreender o significado pleno e a profundidade da meditação. Cada escola de meditação defende alguma forma de controlo; pratiquei diferentes sistemas, mas de algum modo parece não haver fim para isso." O controlo implica divisão, o controlador e a coisa a ser controlada; esta divisão, como toda a divisão, provoca conflito e distorção na ação e no comportamento. Esta fragmentação é o trabalho do pensamento, um fragmento a tentar controlar as outras partes, chame a este único fragmento o controlador ou o nome que quiser. Esta divisão é artificial e maliciosa. Na realidade, o controlador é o controlado. O pensamento na sua própria natureza é fragmentário e isto causa confusão e sofrimento. O pensamento dividiu o mundo em nacionalidades, ideologias e em seitas religiosas, as grandes e as pequenas. O pensamento é a resposta de memórias, experiência e conhecimento, armazenados no cérebro; só pode funcionar de

forma eficiente, sã, quando tem segurança, ordem. Para sobreviver fisicamente tem de se proteger de todos os perigos; a necessidade de sobrevivência exterior é fácil de compreender, mas a sobrevivência psicológica é uma matéria inteiramente diferente, a sobrevivência da imagem que o pensamento reuniu. O pensamento dividiu a existência como exterior e interior, e desta separação surgem o conflito e o controlo. Para a sobrevivência do interior, a crença, a ideologia, os deuses, as nacionalidades, as conclusões tornam-se essenciais e isto também provoca guerras incalculáveis, violência e sofrimento. O desejo para a sobrevivência do interior, com as suas muitas imagens, é uma doença, é desarmonia. O pensamento é desarmonia. Todas as suas imagens, ideologias, as suas verdades são autocontraditórias e destrutivas. O pensamento provocou, à parte as suas realizações tecnológicas, tanto exterior como interiormente, o caos e prazeres que em breve se tornam agonias. Ler tudo isto na sua vida quotidiana, ouvir e ver o movimento do pensamento é a transformação que a meditação provoca. Esta transformação não é o "eu" a tornar-se o "eu" maior, mas a transformação do conteúdo da consciência; a consciência é o seu conteúdo. A consciência do mundo é a sua consciência; o senhor é o mundo e o mundo é o senhor. A meditação é a transformação completa do pensamento e das suas atividades. A harmonia não é fruto do pensamento; vem com a perceção do todo.

A aragem da manhã tinha-se ido e nem uma folha se movia; o rio tinha-se tornado absolutamente quieto e os ruídos na outra margem atravessavam as águas largas. Até os papagaios estavam quietos.

BROCKWOOD PARK

9 DE OUTUBRO DE 1973

O senhor foi num comboio de via estreita que parava em quase todas as estações onde vendedores de café e chá quentes, cobertores e fruta, doces e brinquedos pregavam as suas mercadorias. Dormir era quase impossível e de manhã todos os passageiros entraram num barco que atravessou as águas rasas do mar até à ilha. Ali um comboio estava à espera para o levar à capital, através de uma terra verde de selvas e palmeiras, plantações de chá e aldeias. Era uma terra agradável e feliz. Junto ao mar estava quente e húmido, mas nas colinas onde ficavam as plantações de chá estava fresco e no ar havia o cheiro de dias antigos, sem multidões e simples. Mas na cidade, como em todas as cidades, havia ruído, sujidade, a sordidez da pobreza e a vulgaridade do dinheiro; no porto havia navios de todo o mundo.

A casa ficava numa parte isolada e havia um fluxo constante de pessoas que vinham cumprimentá-lo com grinaldas e fruta. Um dia, um homem perguntou se ele gostaria de ver um bebé elefante e naturalmente fomos vê-lo. Tinha cerca de duas semanas de idade e a grande mãe estava nervosa e muito protetora, foi-nos dito. O carro levou-nos para fora da cidade, passando a sordidez e a sujidade até um rio de águas castanhas, com uma aldeia na sua margem; árvores altas e pesadas cercavam-no. A grande mãe escura e o bebé estavam lá. Ele permaneceu ali durante várias horas até a mãe se habituar a ele; ele teve de ser apresentado, foi-lhe permitido tocar na sua longa tromba e alimentar a mãe com alguma fruta e cana-de-açúcar. A extremidade sensível da tromba pedia mais, e maçãs e bananas iam para a sua grande boca. O bebé recém-nascido estava de pé, a acenar a sua tromba minúscula, entre as pernas da mãe. Era uma pequena réplica da sua grande mãe. Por fim a mãe permitiu-lhe tocar no seu bebé; a pele não era demasiado áspera e a tromba estava constantemente em movimento, muito mais viva do que o resto do corpo. A mãe

estava a observar o tempo todo e o seu tratador tinha de a tranquilizar de tempos a tempos. Era um bebé brincalhão.

A mulher entrou no pequeno quarto profundamente aflita. O seu filho tinha sido morto na guerra: "Eu amava-o muito e ele era o meu único filho; era bem-educado e tinha a promessa de grande bondade e talento. Foi morto e por que razão haveria de acontecer-lhe a ele e a mim? Havia real afeição, amor entre nós. Foi uma coisa tão cruel de acontecer." Ela chorava e parecia não haver fim para as suas lágrimas. Ela pegou na mão dele e em breve ficou quieta o suficiente para escutar.

Gastamos tanto dinheiro a educar os nossos filhos; damos-lhes tanto cuidado; ficamos profundamente apegados a eles; preenchem as nossas vidas solitárias; neles encontramos a nossa realização, o nosso sentido de continuidade. Por que somos educados? Para nos tornarmos máquinas tecnológicas? Para passarmos os nossos dias no trabalho duro e morrermos num acidente qualquer ou com uma doença dolorosa? Esta é a vida que a nossa cultura, a nossa religião nos trouxe. Cada mulher ou mãe chora por todo o mundo; a guerra ou a doença reivindicou o filho ou o marido. Será o amor apego? Serão lágrimas e a agonia da perda? Será solidão e sofrimento? Será pena de si próprio e a dor da separação? Se amasse o seu filho, faria por onde nenhum filho fosse jamais morto numa guerra. Houve milhares de guerras, e mães e mulheres nunca negaram totalmente os caminhos que levam à guerra. A senhora chorará em agonia e apoiará, involuntariamente, os sistemas que geram a guerra. O amor não conhece violência.

O homem explicou por que se estava a separar da sua mulher. "Casámos bastante jovens e após alguns anos as coisas começaram a correr mal em todos os sentidos, sexualmente, mentalmente, e parecíamos tão inteiramente inadequados um para o outro. Amávamo-nos, contudo, no início e gradualmente isso

está a transformar-se em ódio; a separação tornou-se necessária e os advogados estão a tratar disso."

Será o amor prazer e a insistência do desejo? Será o amor sensação física? Será a atração e a sua realização amor? Será uma mercadoria do pensamento? Uma coisa reunida por um acaso de circunstâncias? Será de companheirismo, bondade e amizade? Se qualquer uma destas coisas tomar precedência, então não é amor. O amor é tão definitivo como a morte.

Há um caminho que vai para as montanhas altas através de bosques, prados e espaços abertos. E há um banco antes de a subida começar e nele um casal idoso senta-se, a olhar lá para baixo para o vale iluminado pelo sol; vêm ali com muita frequência. Sentam-se sem uma palavra, observando silenciosamente a beleza da terra. Estão à espera que a morte venha. E o caminho continua para as neves.

BROCKWOOD PARK

10 DE OUTUBRO DE 1973

As chuvas tinham vindo e ido e os grandes calhaus cintilavam ao sol da manhã. Havia água nos leitos secos dos rios e a terra regozijava-se mais uma vez; a terra estava mais vermelha e cada arbusto e lâmina de relva estavam mais verdes e as árvores de raízes profundas deitavam folhas novas. O gado estava a ficar mais gordo e os aldeões menos magros. Estas colinas são tão velhas como a terra e os grandes calhaus parecem ter sido cuidadosamente equilibrados ali. Há uma colina para os lados de leste que tem a forma de uma grande plataforma sobre a qual foi construído um templo quadrado. As crianças da aldeia caminhavam vários quilómetros para aprender a ler e a escrever; aqui estava uma criança pequena, sozinha, com o rosto a brilhar, a ir para uma escola na aldeia vizinha, um livro numa mão e alguma comida na outra. Ela parou quando passámos, tímida e curiosa; se

ficasse mais tempo chegaria atrasada à escola. Os campos de arroz estavam espantosamente verdes. Foi uma manhã longa e tranquila.

Dois corvos disputavam no ar, crocitando e despedaçando-se mutuamente; não havia ponto de apoio suficiente no ar, por isso desceram à terra, lutando um com o outro. No chão as penas começaram a voar e a luta começou a ser séria. Subitamente, cerca de uma dúzia de outros corvos desceu sobre eles e pôs fim à sua luta. Após muito crocitar e ralhar, todos desapareceram nas árvores.

A violência está em todo o lado, entre os altamente educados e os mais primitivos, entre os intelectuais e os sentimentais. Nem a educação nem as religiões organizadas foram capazes de domar o homem; pelo contrário, têm sido responsáveis por guerras, torturas, campos de concentração e pelo abate de animais na terra e no mar. Quanto mais progride, mais cruel o homem parece tornar-se. A política tornou-se um gangsterismo, um grupo contra outro; o nacionalismo levou à guerra; há guerras económicas; há ódios pessoais e violência. O homem não parece aprender com a experiência e o conhecimento, e a violência sob todas as formas continua. Que lugar tem o conhecimento na transformação do homem e da sua sociedade?

A energia que foi para a acumulação de conhecimento não mudou o homem; não pôs fim à violência. A energia que foi para mil explicações de por que razão ele é tão agressivo, brutal, insensível, não pôs fim à sua crueldade. A energia que foi gasta na análise das causas da sua destruição insana, do seu prazer na violência, no sadismo, na atividade de intimidação, de modo nenhum tornou o homem considerado e gentil. Apesar de todas as palavras e livros, ameaças e punições, o homem continua a sua violência.

A violência não está apenas no matar, na bomba, na mudança revolucionária através do derramamento de sangue; é mais profunda e mais subtil. A conformidade e a imitação são as indicações da violência; a imposição e a aceitação da autoridade são uma indicação da violência; a ambição e a competição são uma expressão desta agressão e crueldade, e a comparação gera inveja com a sua animosidade e ódio. Onde há conflito, interior ou exterior, há o solo para a violência. A divisão sob todas as suas formas provoca conflito e dor.

O senhor sabe tudo isto; leu sobre os atos de violência, viu-os em si próprio e ao seu redor e ouviu falar deles, e contudo a violência não chegou ao fim. Porquê? As explicações e as causas de tal comportamento não têm real significado. Se se está a comprazer neles, está a desperdiçar a sua energia que necessita para transcender a violência. Necessita de toda a sua energia para ir ao encontro e ir além da energia que está a ser desperdiçada na violência. Controlar a violência é outra forma de violência, pois o controlador é o controlado. Na atenção total, a soma de toda a energia, a violência sob todas as suas formas chega ao fim. A atenção não é uma palavra, uma fórmula abstrata do pensamento, mas um ato na vida quotidiana. A ação não é uma ideologia, mas se a ação é o resultado dela, então leva à violência.

Após as chuvas, o rio curva ao redor de cada calhau, de cada cidade e aldeia e, por muito que seja poluído, limpa-se a si próprio e corre através de vales, desfiladeiros e prados.

BROCKWOOD PARK

12 DE OUTUBRO DE 1973

Mais uma vez um guru bem conhecido veio vê-lo. Estávamos sentados num belo jardim murado; o relvado estava verde e bem cuidado, havia rosas, ervilhas-de-cheiro, calêndulas amarelo-brilhante e outras flores do norte oriental. O muro e as árvores

mantinham fora o ruído dos poucos carros que passavam; o ar carregava o perfume de muitas flores. Ao entardecer, uma família de chacais saía do seu esconderijo debaixo de uma árvore; tinham escavado um grande buraco onde a mãe tinha as suas três crias. Eram um bando com ar saudável e, logo após o pôr do sol, a mãe saía com elas, mantendo-se perto das árvores. O lixo ficava atrás da casa e elas procuravam por ele mais tarde. Havia também uma família de mangustos; todas as tardes a mãe com o seu focinho cor-de-rosa e a sua cauda longa e gorda saía do seu esconderijo seguida pelas suas duas crias, uma atrás da outra, mantendo-se perto do muro. Elas também vinham para a parte de trás da cozinha, onde por vezes se deixavam coisas para elas. Mantinham o jardim livre de cobras. Elas e os chacais pareciam nunca se ter cruzado, mas se o fizessem deixavam-se em paz mutuamente.

O guru tinha anunciado alguns dias antes que desejava fazer uma visita. Ele chegou e os seus discípulos vieram a fluir atrás dele, um a um. Tocavam-lhe nos pés como sinal de grande respeito. Queriam tocar nos pés do outro homem também, mas ele não o permitia; disse-lhes que era degradante, mas a tradição e a esperança no céu eram demasiado fortes neles. O guru não entrava na casa, pois tinha feito um voto de nunca entrar numa casa de pessoas casadas. O céu estava intensamente azul naquela manhã e as sombras eram longas.

"O senhor nega ser um guru, mas é um guru de gurus. Tenho-o observado desde a sua juventude e o que diz é a verdade que poucos compreenderão. Para a maioria nós somos necessários, caso contrário eles ficariam perdidos; a nossa autoridade salva os tolos. Nós somos os intérpretes. Tivemos as nossas experiências; nós sabemos. A tradição é uma muralha e apenas muito poucos podem ficar sós e ver a realidade nua. O senhor está entre os abençoados, mas nós temos de caminhar com a multidão, cantar as suas canções, respeitar os nomes sagrados e aspergir água

benta, o que não significa que sejamos inteiramente hipócritas. Eles precisam de ajuda e nós estamos lá para a dar. O que é, se me permite perguntar, a experiência dessa realidade absoluta?"

Os discípulos ainda vinham e iam, desinteressados na conversa e indiferentes ao seu redor, à beleza da flor e da árvore. Alguns deles estavam sentados na relva a escutar, esperando não ser demasiado perturbados. Um homem culto está descontento com a sua cultura.

A realidade não é para ser experienciada. Não há caminho para ela e nenhuma palavra a pode indicar; não é para ser procurada e para ser encontrada. O achar, após a busca, é a corrupção da mente. A própria palavra verdade não é a verdade; a descrição não é o descrito.

"Os antigos contaram as suas experiências, a sua ventura na meditação, a sua superconsciência, a sua sagrada realidade. Se me permite perguntar, deve-se pôr de parte tudo isto e o seu exaltado exemplo?"

Qualquer autoridade na meditação é a sua própria negação. Todo o conhecimento, os conceitos, os exemplos não têm lugar na meditação. A eliminação completa do meditador, do experienciador, do pensador, é a própria essência da meditação. Esta liberdade é o ato diário da meditação. O observador é o passado, o seu solo é o tempo, os seus pensamentos, imagens, sombras são constritores do tempo. O conhecimento é tempo, e a libertação do conhecido é o florescimento da meditação. Não há sistema e por isso não há direção para a verdade nem para a beleza da meditação. Seguir outro, o seu exemplo, a sua palavra, é banir a verdade. Apenas no espelho da relação o senhor vê o rosto do que é. O vidente é o visto. Sem a ordem que a virtude traz, a meditação e as afirmações sem fim de outros não têm qualquer

significado; são totalmente irrelevantes. A verdade não tem tradição, não pode ser transmitida.

Ao sol o cheiro a ervilhas-de-cheiro estava muito forte.

BROCKWOOD PARK

13 DE OUTUBRO DE 1973

Voávamos suavemente a onze mil metros de altitude e o avião estava cheio. Tínhamos passado o mar e aproximávamo-nos de terra firme; muito abaixo de nós estava o mar e a terra; os passageiros pareciam nunca parar de falar ou de beber ou de folhear as páginas de uma revista; depois houve um filme. Eram um grupo barulhento para ser entretido e alimentado; dormiam, ressonavam e davam as mãos. A terra em breve foi coberta por massas de nuvens de horizonte a horizonte, espaço e profundidade e o ruído da conversa. Entre a terra e o avião havia nuvens brancas sem fim e acima estava o céu azul e terno. No lugar do canto, junto a uma janela, estava-se amplamente desperto a observar a forma mutável das nuvens e a luz branca sobre elas.

Terá a consciência alguma profundidade ou apenas uma agitação de superfície? O pensamento pode imaginar a sua profundidade, pode afirmar que tem profundidade ou apenas considerar as ondulações da superfície. Terá o próprio pensamento alguma profundidade de todo? A consciência é constituída pelo seu conteúdo; o seu conteúdo é toda a sua fronteira. O pensamento é a atividade do exterior e em certas línguas pensamento significa o lado de fora. A importância que é dada às camadas ocultas da consciência continua na superfície, sem quaisquer profundidades. O pensamento pode dar a si próprio um centro, como o ego, o "eu", e esse centro não tem profundidade alguma; as palavras, por muito astuta e subtilmente reunidas, não são profundas. O "eu" é uma fabricação do pensamento em palavra e em identificação; o "eu", a procurar

profundidade na ação, na existência, não tem significado algum; todas as suas tentativas para estabelecer profundidade na relação terminam na multiplicação das suas próprias imagens, cujas sombras considera serem profundas. As atividades do pensamento não têm profundidade; os seus prazeres, os seus medos, o seu sofrimento estão na superfície. A própria palavra superfície indica que há algo abaixo, um grande volume de água ou algo muito raso. Uma mente rasa ou profunda são as palavras do pensamento, e o pensamento em si mesmo é superficial. O volume atrás do pensamento é experiência, conhecimento, memória, coisas que se foram, apenas para serem recordadas, para se agir ou não sobre elas. Muito abaixo de nós, lá em baixo na terra, um rio largo rolava, com curvas amplas por entre quintas dispersas, e nas estradas sinuosas rastejavam formigas. As montanhas estavam cobertas de neve e os vales estavam verdes com sombras profundas. O sol estava diretamente à frente e desceu no mar enquanto o avião aterrava nos fumos e no ruído de uma cidade em expansão.

Haverá profundidade na vida, na existência de todo? Será toda a relação rasa? Poderá o pensamento alguma vez descobri-la? O pensamento é o único instrumento que o homem cultivou e apurou, e quando isso é negado como meio para a compreensão da profundidade na vida, então a mente procura outros meios. Levar uma vida rasa torna-se em breve desgastante, aborrecido, sem sentido, e disto surge a busca constante de prazer, medos, conflito e violência. Ver os fragmentos que o pensamento provocou e a sua atividade, como um todo, é o fim do pensamento. A perceção do todo só é possível quando o observador, que é um dos fragmentos do pensamento, não está ativo. Então a ação é relação e nunca leva ao conflito e ao sofrimento.

Apenas o silêncio tem profundidade, tal como o amor. O silêncio não é o movimento do pensamento, nem o é o amor. Só então as palavras, profundo e raso, perdem o seu significado. Não há medição para o amor nem para o silêncio. O que é mensurável é o pensamento e o tempo; o pensamento é tempo. A medida é necessária, mas quando o pensamento a leva para a ação e para a relação, então a malícia e a desordem começam. A ordem não é mensurável, apenas a desordem o é. O mar e a casa estavam quietos, e as colinas atrás deles, com as flores silvestres da Primavera, estavam silenciosas.

ROMA

17 DE OUTUBRO DE 1973

Tinha sido um Verão quente e seco, com aguaceiros ocasionais; os relvados estavam a ficar castanhos, mas as árvores altas, com a sua folhagem pesada, estavam felizes e as flores floriam. A terra não via um Verão assim há anos e os agricultores estavam satisfeitos. Nas cidades era terrível, o ar poluído, o calor e as ruas ruidosas; as castanhas já estavam a ficar ligeiramente castanhas e os parques estavam cheios de pessoas com crianças a gritar e a correr por todo o lado. No campo era muito bonito; há sempre paz na terra e o rio pequeno e estreito com cisnes e patos trazia encanto. O romantismo e a sentimentalidade estavam em segurança fechados nas cidades, e aqui, no fundo do campo, com árvores, prados e ribeiros, havia beleza e deleite. Há uma estrada que atravessa os bosques, e sombras matizadas, e cada folha contém essa beleza, cada folha a morrer e lâmina de relva. A beleza não é uma palavra, uma resposta emocional; não é suave, para ser torcida e moldada pelo pensamento. Quando a beleza está lá, cada movimento e ação em cada forma de relação é inteiro, são e sagrado. Quando essa beleza, esse amor, não existe, o mundo enlouquece.

No ecrã pequeno o pregador, com gestos e palavras cuidadosamente cultivados, dizia que sabia que o seu salvador, o único salvador, estava vivo; se ele não estivesse vivo, não haveria esperança para o mundo. O impulso agressivo do seu braço afastava qualquer dúvida, qualquer indagação, pois ele sabia e o senhor tinha de defender aquilo que ele sabia, pois o conhecimento dele é o seu conhecimento, a sua convicção. O movimento calculado dos seus braços e a palavra impulsionada eram substância e encorajamento para o seu público, que ali estava de boca aberta, tanto jovens como velhos, enfeitiçados e a adorar a imagem da sua mente. Uma guerra tinha acabado de começar e nem o pregador nem a vasta assistência pareciam importar-se, pois as guerras têm de continuar e, além disso, fazem parte da sua cultura.

Krishnamurti estava agora em Roma até 29 de Outubro.

Naquele ecrã, um pouco mais tarde, foi mostrado o que os cientistas estavam a fazer, as suas invenções maravilhosas, o seu extraordinário controlo do espaço, o mundo de amanhã, as novas máquinas complexas; as explicações de como as células se formam, as experiências que estão a ser feitas em animais, em vermes e moscas. O estudo do comportamento dos animais foi explicado cuidadosa e divertidamente. Com este estudo os professores podiam compreender melhor o comportamento humano. Os restos de uma cultura antiga foram explicados; as escavações, os vasos, os mosaicos cuidadosamente preservados e as paredes a ruir; o mundo maravilhoso do passado, os seus templos, as suas glórias. Muitos, muitos volumes foram escritos sobre as riquezas, as pinturas, as crueldades e a grandeza do passado, os seus reis e os seus escravos.

Um pouco mais tarde foi mostrada a guerra real que se desenrolava no deserto e entre as colinas verdes, os enormes tanques e os jatos a voar baixo, o ruído e a matança calculada; e

os políticos a falar sobre a paz, mas a encorajar a guerra em todas as terras. As mulheres a chorar foram mostradas e os feridos graves, as crianças a acenar bandeiras e os padres a entoar bênçãos.

As lágrimas da humanidade não lavaram o desejo do homem de matar. Nenhuma religião parou a guerra; todas elas, pelo contrário, a encorajaram, abençoaram as armas de guerra; separaram as pessoas. Os governos estão isolados e prezam a sua insularidade. Os cientistas são apoiados pelos governos. O pregador está perdido nas suas palavras e imagens.

O senhor chorará, mas educará os seus filhos para matar e ser mortos. O senhor aceita isso como o modo de vida; o seu compromisso é com a sua própria segurança; é o seu deus e o seu sofrimento. O senhor cuida dos seus filhos tão cuidadosamente, tão generosamente, mas depois está tão entusiasticamente disposto a que eles sejam mortos. Mostraram no ecrã bebés foca, com olhos enormes, a ser mortos.

A função da cultura é transformar o homem totalmente.

Do outro lado do rio patos-mandarim chapinhavam e perseguiam-se uns aos outros e as sombras das árvores estavam na água.

ROMA

18 DE OUTUBRO DE 1973

Há em sânscrito uma longa oração à paz. Foi escrita há muitos, muitos séculos por alguém para quem a paz era uma necessidade absoluta, e talvez a sua vida quotidiana tivesse as suas raízes nisso. Foi escrita antes do veneno rastejante do nacionalismo, da imoralidade do poder do dinheiro e da insistência na mundanidade que o industrialismo provocou. A oração é à paz duradoura: Que haja paz entre os deuses, no céu e

entre as estrelas; que haja paz na terra, entre os homens e os animais de quatro patas; que não nos firamos mutuamente; que sejamos generosos uns para com os outros; que tenhamos essa inteligência que guiará a nossa vida e ação; que haja paz na nossa oração, nos nossos lábios e nos nossos corações.

Não há menção de individualidade nesta paz; isso veio muito mais tarde. Há apenas nós mesmos a nossa paz, a nossa inteligência o nosso conhecimento, a nossa iluminação. O som dos cânticos em sânscrito parece ter um efeito estranho. Num templo, cerca de cinquenta padres cantavam em sânscrito e as próprias paredes pareciam estar a vibrar.

Há um caminho que atravessa o campo verde e brilhante, através de um bosque iluminado pelo sol e para lá dele. Quase ninguém vem a estes bosques, cheios de luz e sombras. É muito tranquilo ali, quieto e isolado. Há esquilos e um veado ocasional, timidamente vigilante e a arrancar em velocidade; os esquilos observam-no de um ramo e por vezes ralham-lhe. Estes bosques têm o perfume do Verão e o cheiro a terra húmida. Há árvores enormes, velhas e carregadas de musgo; elas acolhem-no e o senhor sente o calor do seu acolhimento. Cada vez que se senta ali e olha para cima através dos ramos e folhas para o maravilhoso céu azul, essa paz e acolhimento estão à sua espera. O senhor foi com outros através dos bosques, mas havia distanciamento e silêncio; as pessoas tagarelavam, indiferentes e inconscientes da dignidade e grandeza das árvores; não tinham relação com elas e por isso, com toda a probabilidade, nenhuma relação entre si. A relação entre as árvores e o senhor era completa e imediata; elas e o senhor eram amigos e assim o senhor era amigo de cada árvore, arbusto e flor na terra. O senhor não estava ali para destruir e havia paz entre elas e o senhor.

A paz não é um intervalo entre o fim e o início do conflito, da dor e do sofrimento. Nenhum governo pode trazer a paz; a sua paz

é de corrupção e decadência; o governo ordeiro de um povo gera degeneração, pois não se preocupa com todas as pessoas da terra. As tiranias nunca podem reter a paz, pois destroem a liberdade: a paz e a liberdade vão juntas. Matar outro pela paz é a idiotice das ideologias. O senhor não pode comprar a paz; não é a invenção de um intelecto; não é para ser comprada através da oração, através de regateio. Não está em nenhum edifício sagrado, em nenhum livro, em nenhuma pessoa. Ninguém o pode levar até ela, nenhum guru, nenhum padre, nenhum símbolo.

Na meditação ela é. A própria meditação é o movimento da paz.

Não é um fim a ser encontrado; não é reunida pelo pensamento ou pela palavra. A ação da meditação é a inteligência. A meditação não é nenhuma dessas coisas que lhe ensinaram ou que experienciou. O pôr de parte o que aprendeu ou experienciou é a meditação. A libertação do experienciador é a meditação. Quando não há paz na relação, não há paz na meditação; é uma fuga para a ilusão e para sonhos fantasiosos. Não pode ser demonstrada ou descrita. O senhor não é juiz da paz. Estará consciente dela, se ela estiver lá, através das atividades da sua vida quotidiana, da ordem, da virtude da sua vida.

Nuvens pesadas e nevoeiros estavam lá naquela manhã; ia chover. Levaria vários dias para ver o céu azul novamente. Mas quando entrou no bosque, não houve diminuição dessa paz e acolhimento. Havia uma quietude absoluta e uma paz incompreensível. Os esquilos estavam a esconder-se e os gafanhotos nos prados estavam silenciosos e para lá das colinas e vales estava o mar irrequieto.

ROMA

19 DE OUTUBRO DE 1973

O bosque estava a dormir; o caminho através dele era escuro e sinuoso. Nem uma coisa se movia; o longo crepúsculo estava a desaparecer e o silêncio da noite cobria a terra. O pequeno ribeiro murmurejante, tão insistente durante o dia, cedia à quietude da noite vindoura. Através da pequena abertura entre as folhas estavam as estrelas, brilhantes e muito perto. A escuridão da noite é tão necessária como a luz do dia. As árvores acolhedoras recolheram-se em si mesmas e distantes; estavam em redor, mas eram distantes e inacessíveis; estavam a dormir, para não serem perturbadas. Nesta escuridão quieta, havia crescimento e florescimento, a reunir força para ir ao encontro do dia vibrante; a noite e o dia eram essenciais; ambos davam vida, energia, a todas as coisas vivas. Apenas o homem a dissipa.

O sono é muito importante, um sono sem demasiados sonhos, sem se agitar demasiado. No sono muitas coisas acontecem tanto no organismo físico como no cérebro (o mente é o cérebro; são um, um movimento unitário). Para toda esta estrutura o sono é absolutamente essencial. No sono a ordem, o ajuste e as perceções mais profundas têm lugar; quanto mais quieto o cérebro, mais profunda a visão interna. O cérebro precisa de segurança e ordem para funcionar harmoniosamente, sem qualquer fricção. A noite concede-o e durante o sono quieto há movimentos, estados, que o pensamento nunca pode alcançar. Os sonhos são perturbação; distorcem a perceção total. No sono a mente rejuvenesce-se.

Mas o senhor poderá dizer que os sonhos são necessários; se não se sonhar pode-se enlouquecer; eles são úteis, reveladores. Há sonhos superficiais, sem muito significado; há sonhos que são significativos e há também um estado sem sonhos. Os sonhos são a expressão em diferentes formas e símbolos da nossa vida quotidiana. Se não há harmonia, não há ordem na nossa vida quotidiana de relação, então os sonhos são uma continuação dessa desordem. O cérebro durante o sono tenta provocar ordem a partir

desta contradição confusa. Nesta luta constante entre a ordem e a desordem o cérebro fica desgastado. Mas ele tem de ter segurança e ordem para funcionar de todo, e por isso crenças, ideologias e outros conceitos neuróticos tornam-se necessários. Transformar a noite em dia é um desses hábitos neuróticos; as futilidades que acontecem no mundo moderno após o anoitecer são uma fuga ao dia a dia de rotina e aborrecimento.

A consciência total da desordem na relação, tanto privada como pública, pessoal e distante, uma consciência do que é sem qualquer escolha durante as horas conscientes durante o dia, traz ordem da desordem. Então o cérebro não tem necessidade de procurar ordem durante o sono. Então os sonhos são apenas superficiais, sem significado. A ordem na totalidade da consciência, não meramente ao nível consciente, tem lugar quando a divisão entre o observador e o observado cessa completamente. O que é, é transcendido quando o observador, que é o passado, que é o tempo, chega ao fim. O presente ativo o que é, não está no cativeiro do tempo como o observador está.

Apenas quando a mente o cérebro e o organismo durante o sono têm esta ordem total, há uma consciência desse estado sem palavras, desse movimento intemporal. Isto não é algum sonho fantasioso, uma abstração de fuga. É o próprio somatório da meditação. Isto é, o cérebro está ativo, a acordar ou a dormir, mas o conflito constante entre a ordem e a desordem desgasta o cérebro. A ordem é a forma mais elevada de virtude, sensibilidade, inteligência. Quando há esta grande beleza de ordem, harmonia, o cérebro não está infinitamente ativo; certas partes dele têm de carregar o fardo da memória, mas isso é uma parte muito pequena; o resto do cérebro está livre do ruído da experiência. Essa liberdade é a ordem, a harmonia, do silêncio. Esta liberdade e o ruído da memória movem-se juntos, a inteligência é a ação deste movimento. A meditação é a libertação

do conhecido e contudo a operar no campo do conhecido. Não há "eu" como o operador. A dormir ou acordado esta meditação continua.

O caminho saía lentamente dos bosques e de horizonte a horizonte o céu estava cheio de estrelas. Nos campos nem uma coisa se movia.

ROMA

20 DE OUTUBRO DE 1973

É a coisa viva mais antiga da terra. É gigantesca em proporção, na sua altura e tronco vasto. Entre outras sequóias, que também eram muito velhas, esta elevava-se sobre todas elas; outras árvores tinham sido tocadas pelo fogo, mas esta não tinha marcas. Tinha vivido através de todas as coisas feias da história, através de todas as guerras do mundo, através de toda a malícia e sofrimento do homem, através do fogo e do relâmpago, através de todas as tempestades do tempo, intocada, majestosa e inteiramente só, com imensa dignidade. Tinha havido incêndios, mas a casca destas sequóias era capaz de lhes resistir e sobreviver. Os turistas barulhentos ainda não tinham chegado e podia-se estar só com esta grande silenciosa; ela erguia-se até aos céus enquanto o senhor se sentava debaixo dela, vasta e intemporal. Os seus próprios anos davam-lhe a dignidade do silêncio e o distanciamento da grande idade. Era tão silenciosa como a sua mente era, tão quieta como o seu coração, e a viver sem o fardo do tempo. O senhor estava consciente da compaixão que o tempo nunca tinha tocado e da inocência que nunca tinha conhecido ferida e sofrimento. O senhor sentou-se ali e o tempo passou-lhe ao lado e nunca mais voltaria. Havia imortalidade, pois a morte nunca tinha existido. Nada existia exceto aquela árvore imensa, as nuvens e a terra. O senhor foi até essa árvore e sentou-se com ela e todos os dias durante muitos dias foi uma bênção da qual só

esteve consciente quando se afastou. Nunca podia voltar a ela a pedir mais; nunca havia o mais, o mais estava no vale lá muito abaixo. Porque não era um santuário feito pelo homem, havia uma insondável sacralidade que nunca mais o deixaria, pois não era sua.

De manhã cedo, quando o sol ainda não tinha tocado os topos das árvores, o veado e o urso estavam lá; observámo-nos mutuamente, de olhos arregalados e a admirar; a terra era comum a nós e o medo estava ausente. Os gaios-azuis e os esquilos vermelhos viriam em breve; o esquilo era manso e amigável. O senhor tinha nozes no bolso e ele tirava-as da sua mão; quando o esquilo já tinha tido o suficiente, os dois gaios saltitavam dos ramos e o ralhar parava. E o dia começava.

A sensualidade no mundo do prazer tornou-se muito importante. O paladar dita e em breve o hábito do prazer toma conta; embora possa prejudicar todo o organismo, o prazer domina. O prazer dos sentidos, do pensamento astuto e subtil, das palavras e das imagens da mente e da mão é a cultura da educação, o prazer da violência e o prazer do sexo. O homem é moldado à forma do prazer, e toda a existência, religiosa ou outra, é a busca dele. As exagerações selvagens do prazer são o resultado da conformidade moral e intelectual. Quando a mente não é livre e consciente, então a sensualidade torna-se um factor de corrupção que é o que se está a passar no mundo moderno. O prazer do dinheiro e do sexo dominam. Quando o homem se tornou um ser humano de segunda mão, a expressão da sensualidade é a sua liberdade. Então o amor é prazer e desejo. O entretenimento organizado, religioso ou comercial, contribui para a imoralidade social e pessoal; o senhor cessa de ser responsável. Responder totalmente a qualquer desafio é ser responsável, totalmente comprometido. Isto não pode ser quando a própria essência do pensamento é fragmentária e a busca do prazer, em

todas as suas formas óbvias e subtis, é o movimento principal da existência. O prazer não é alegria; a alegria e o prazer são coisas inteiramente diferentes; uma não é convidada e o outro é cultivado, nutrido; uma vem quando o "eu" não é e o outro constringe ao tempo; onde um está, o outro não está. O prazer, o medo e a violência correm juntos; são companheiros inseparáveis. Aprender a partir da observação é ação, o fazer é o ver.

Ao entardecer, quando a escuridão se aproximava, os gaios e os esquilos tinham ido para a cama. A estrela da tarde era apenas visível e os ruídos do dia e da memória tinham chegado ao fim. Estas sequóias gigantes estavam imóveis. Elas continuarão para lá do tempo. Apenas o homem morre e o seu sofrimento.

ROMA

21 DE OUTUBRO DE 1973

Era uma noite sem lua e o Cruzeiro do Sul estava nítido sobre as palmeiras. O sol não nasceria ainda durante muitas horas; naquela escuridão quieta todas as estrelas estavam muito perto da terra e eram cintilantemente brilhantes; eram de um azul penetrante e o rio estava a dar à luz a elas. O Cruzeiro do Sul estava sozinho sem quaisquer outras estrelas ao seu redor. Não havia aragem e a terra parecia estar parada, cansada da atividade do homem. Ia ser uma manhã encantadora após as chuvas pesadas e não havia uma nuvem no horizonte. Órion já se tinha posto e a estrela da manhã estava no horizonte distante. No bosque, os sapos coaxavam na lagoa próxima; ficavam silenciosos por um momento e acordavam e começavam de novo. O cheiro a jasmim era forte no ar e ao longe havia cânticos. Mas àquela hora havia

um silêncio sufocante e a sua beleza terna estava na terra. A meditação é o movimento desse silêncio.

No jardim murado o ruído do dia começou. O pequeno bebé estava a ser lavado; era untado com óleo com grande cuidado, cada parte dele; óleo especial para a cabeça e outro para o corpo; cada um tinha a sua própria fragrância e ambos eram ligeiramente aquecidos. A criança pequena adorava; chilreava suavemente para si própria e o seu corpinho gordo estava brilhante com o óleo. Depois era limpa com um pó perfumado especial. A criança nunca chorava, parecia haver tanto amor e cuidado. Foi enxugada e com ternura envolvida num pano branco limpo, alimentada e deitada para adormecer imediatamente. Cresceria para ser educada, treinada para trabalhar, a aceitar as tradições, as novas ou velhas crenças, a ter filhos, a suportar o sofrimento e a gargalhada da dor.

A mãe veio um dia e perguntou: "O que é o amor? É cuidado, é confiança, é responsabilidade, é prazer entre homem e mulher? É a dor do apego e da solidão?"

A senhora está a criar o seu filho com tanto cuidado, com energia incansável, a dar a sua vida e tempo. Sente-se, talvez sem saber, responsável. Ama-o. Mas o efeito estreitador da educação começará, fá-lo-á conformar-se com punição e recompensa para se ajustar à estrutura social. A educação é o meio aceite para o condicionamento da mente. Para que somos educados – para trabalho sem fim e para morrer? A senhora deu cuidado terno, afeição, e a sua responsabilidade cessa quando a educação começa? Será amor aquele que o enviará para a guerra, para ser morto após todo esse cuidado e generosidade? A sua responsabilidade nunca cessa, o que não significa interferência. A liberdade é responsabilidade total, não apenas para com os seus filhos, mas para com todas as crianças da terra. Será o amor apego e a sua dor? O apego gera dor, ciúme, ódio. O apego cresce a

partir da própria pequenez, insuficiência, solidão. O apego dá uma sensação de pertença, identificação com algo, dá uma sensação de realidade, de ser. Quando isso é ameaçado há medo, ira, inveja. Será tudo isto amor? Será a dor e o sofrimento amor? Será o prazer sensorial amor? A maioria dos seres humanos razoavelmente inteligentes sabe verbalmente tudo isto e não é demasiado complicado. Mas eles não deixam ir tudo isto; transformam estes factos em ideias e depois lutam com os conceitos abstratos. Preferem viver com abstrações em vez de viver com a realidade, com o que é.

Na negação do que o amor não é, o amor é. Não tenha medo da palavra negação. Negue tudo o que não é amor, então o que é, é compaixão. O que a senhora é importa enormemente, pois a senhora é o mundo e o mundo é a senhora. Isto é compaixão.

Lentamente a alvorada estava a chegar; no horizonte oriental havia uma luz ténue, estava a espalhar-se e o Cruzeiro do Sul começou a esvanecer-se. As árvores tomaram a sua forma, os sapos ficaram silenciosos, a estrela da manhã perdeu-se na luz maior e um novo dia começou. O voo dos corvos e as vozes do homem tinham começado, mas as bênção daquela manhã cedo continuavam lá.

ROMA

22 DE OUTUBRO DE 1973

Num pequeno barco na corrente lenta e quieta do rio, todo o horizonte de norte a sul, de leste a oeste, era visível; não havia uma árvore ou casa que quebrasse o horizonte; não havia uma nuvem a flutuar. As margens eram planas, estendendo-se em

ambos os lados muito para o interior da terra, e seguravam o rio largo. Havia outros pequenos barcos de pesca, os pescadores encolhidos numa das extremidades com as suas redes fora; estes homens eram imensamente pacientes. O céu e a terra encontravam-se e havia um espaço vasto. Neste espaço imensurável a terra e todas as coisas tinham a sua existência, até este pequeno barco levado pela forte corrente. Ao virar da curva do rio, os horizontes estendiam-se até onde a vista alcançava, imensuráveis e infinitos. O espaço tornava-se inesgotável. Tem de haver este espaço para a beleza e a compaixão. Tudo tem de ter espaço, o vivo e o morto, a rocha na colina e o pássaro na asa. Quando não há espaço há morte. Os pescadores cantavam e o som da sua canção descia pelo rio. O som precisa de espaço. O som de uma palavra precisa de espaço; a palavra faz o seu próprio espaço, pronunciada corretamente. O rio e a árvore distante só podem sobreviver quando têm espaço; sem espaço todas as coisas definham. O rio desapareceu no horizonte e os pescadores iam para terra. A escuridão profunda da noite chegava, a terra descansava de um dia cansativo e as estrelas estavam nas águas. O vasto espaço estreitara-se numa pequena casa de muitas paredes. Até as casas grandes e palacianas têm paredes a fechar aquele imenso espaço, tornando-o seu.

Uma pintura tem de ter espaço dentro de si, mesmo que seja colocada numa moldura; uma estátua só pode existir no espaço; a música cria o espaço de que necessita; o som de uma palavra não só faz espaço: precisa dele para ser ouvido. O pensamento pode imaginar a extensão entre dois pontos, a distância e a medida; o intervalo entre dois pensamentos é o espaço que o pensamento faz. A extensão contínua do tempo, o movimento e o intervalo entre dois movimentos do pensamento precisam de espaço. A consciência está dentro do movimento do tempo e do pensamento. O pensamento e o tempo são mensuráveis entre dois pontos, entre

o centro e a periferia. A consciência, larga ou estreita, existe onde há um centro, o "eu" e o "não eu".

Todas as coisas precisam de espaço. Se os ratos forem fechados num espaço restrito, destroem-se mutuamente; os pequenos pássaros sentados num fio do telégrafo, a um entardecer, têm o espaço necessário entre si. Os seres humanos a viver em cidades ruidosas e sobrelotadas estão a tornar-se violentos. Onde não há espaço, exterior e interiormente, toda a forma de malícia e degeneração é inevitável. O condicionamento da mente através da chamada educação, religião, tradição, cultura, dá pouco espaço ao florescimento da mente e do coração. A crença, a experiência de acordo com essa crença, a opinião, os conceitos, a palavra é o "eu", o ego, o centro que cria o espaço limitado dentro de cuja fronteira está a consciência. O "eu" tem o seu ser e a sua atividade dentro do pequeno espaço que criou para si próprio. Todos os seus problemas e sofrimentos, as suas esperanças e desespero estão dentro das suas próprias fronteiras, e não há espaço. O conhecido ocupa toda a sua consciência. A consciência é o conhecido. Dentro desta fronteira não há solução para todos os problemas que os seres humanos reuniram. E contudo não largam; apegam-se ao conhecido ou inventam o desconhecido, esperando que ele resolva os seus problemas. O espaço que o "eu" construiu para si próprio é o seu sofrimento e a dor do prazer. Os deuses não lhe dão espaço, pois o deles é seu. Este espaço vasto e imensurável jaz fora da medida do pensamento, e o pensamento é o conhecido. A meditação é o esvaziamento da consciência do seu conteúdo, o conhecido, o "eu".

Lentamente os remos levaram o barco rio acima, rio que dormia, e a luz de uma casa dava-lhe a direção. Tinha sido um longo entardecer e o pôr do sol era dourado, verde e alaranjado, e fazia um caminho dourado na água.

ROMA

24 DE OUTUBRO DE 1973

Lá no fundo do vale estavam as luzes baças de uma pequena aldeia; estava escuro e o caminho era pedregoso e duro. As linhas ondulantes das colinas contra o céu estrelado estavam profundamente cravadas na escuridão e um coiote uivava algures ali perto. O caminho tinha perdido a sua familiaridade e uma pequena brisa perfumada subia pelo vale. Estar só naquela solidão era ouvir a voz do silêncio intenso e a sua grande beleza. Algum animal fazia barulho entre os arbustos, assustado ou a chamar a atenção. Estava bastante escuro por esta altura e o mundo daquele vale tornou-se profundo no seu silêncio. O ar da noite tinha cheiros especiais, uma mistura de todos os arbustos que crescem nas colinas secas, aquele cheiro forte de arbustos que conhecem o sol quente. As chuvas tinham parado há muitos meses; não choveria de novo durante muito tempo e o caminho estava seco, poeirento e duro. O grande silêncio com o seu vasto espaço segurava a noite e cada movimento do pensamento ficava quieto. A própria mente era o espaço imensurável e naquela profunda quietude não havia uma única coisa que o pensamento tivesse construído. Ser absolutamente nada é estar além da medida. O caminho descia uma encosta íngreme e um pequeno ribeiro dizia muitas coisas, encantado com a sua própria voz. Cruzava o caminho várias vezes e os dois jogavam um jogo juntos. As estrelas estavam muito perto e algumas olhavam lá do alto das colinas. Ainda assim as luzes da aldeia estavam muito longe e as estrelas desapareciam sobre as colinas altas. Esteja só, sem palavra e pensamento, mas apenas a observar e a escutar. O

grande silêncio mostrava que, sem ele, a existência perde o seu significado profundo e a sua beleza.

Ser uma luz para si próprio nega toda a experiência. Aquele que está a experienciar como o experienciador precisa da experiência para existir e, por muito profunda ou superficial que seja, a necessidade dela torna-se maior. A experiência é conhecimento, tradição; o experienciador divide-se a si próprio para discernir entre o agradável e o doloroso, o reconfortante e o perturbador. O crente experiencia de acordo com a sua crença, de acordo com o seu condicionamento. Estas experiências vêm do conhecido, pois o reconhecimento é essencial, sem ele não há experiência. Cada experiência deixa uma marca a menos que haja um fim para ela à medida que surge. Cada resposta a um desafio é uma experiência, mas quando a resposta vem do conhecido, o desafio perde a sua novidade e vitalidade; então há conflito, perturbação e atividade neurótica. A própria natureza do desafio é questionar, perturbar, despertar, compreender. Mas quando esse desafio é traduzido para o passado, então o presente é evitado. A convicção da experiência é a negação da indagação. A inteligência é a liberdade para indagar, para investigar o "eu" e o "não eu", o exterior e o interior. A crença, as ideologias e a autoridade impedem a visão profunda que vem apenas com a liberdade. O desejo de experiência de qualquer tipo tem de ser superficial ou sensorial, reconfortante ou prazenteiro, pois o desejo, por muito intenso que seja, é o precursor do pensamento e o pensamento é o exterior. O pensamento pode reunir o interior, mas continua a ser o exterior. O pensamento nunca encontrará o novo, pois é velho, nunca é livre. A liberdade jaz além do pensamento. Toda a atividade do pensamento não é amor.

Ser uma luz para si próprio é a luz de todos os outros. Ser uma luz para si próprio é a mente estar livre de desafio e resposta, pois a mente então está totalmente desperta, inteiramente atenta.

Esta atenção não tem centro, aquele que está atento, e por isso não tem fronteira. Enquanto houver um centro, o "eu", tem de haver desafio e resposta, adequada ou inadequada, prazenteira ou dolorosa. O centro nunca pode ser uma luz para si próprio; a sua luz é a luz artificial do pensamento e tem muitas sombras. A compaixão não é a sombra do pensamento, mas é luz, nem sua nem de outro.

O caminho entrou gradualmente no vale e o ribeiro passou pela aldeia para se juntar ao mar. Mas as colinas permaneciam imutáveis e o piar de um mocho era a resposta a outro. E havia espaço para o silêncio.

ROMA

25 DE OUTUBRO DE 1973

Sentado numa rocha num pomar de laranjeiras, o vale estendia-se e desaparecia na dobra das montanhas. Era cedo de manhã e as sombras eram longas, suaves e abertas. As codornizes chamavam com a sua exigência afiada e a rola carpideira arrulhava, com uma modulação suave e gentil, uma canção triste tão cedo de manhã. O zombeteiro fazia curvas em pique no ar, dando cambalhotas, encantado com o mundo. Uma grande tarântula, peluda e escura, saiu lentamente de debaixo da rocha, parou, sentiu o ar da manhã e sem pressa seguiu o seu caminho. As laranjeiras estavam em linhas longas e retas, hectare após hectare, com o seu fruto brilhante e flor fresca recém-aberta – flor e fruto na mesma árvore ao mesmo tempo. O cheiro destas flores era quietamente pervasivo e com o calor do sol o cheiro tornava-se mais profundo, mais insistente. O céu era muito azul e suave e todas as colinas e montanhas ainda sonhavam.

Era uma manhã encantadora, fresca e límpida, com aquela beleza estranha que o homem ainda não tinha destruído. Os lagartos saíam e procuravam um ponto quente ao sol; estendiam-

se para aquecer as barrigas e as suas longas caudas voltavam-se de lado. Era uma manhã feliz e a luz suave cobria a terra e a beleza sem fim da vida. A meditação é a essência desta beleza, expressa ou silenciosa. Expressa, toma forma, substância; silenciosa, não é para ser colocada em palavra, forma ou cor. A partir do silêncio, a expressão ou a ação têm beleza, são inteiras, e toda a luta, o conflito cessam. Os lagartos moviam-se para a sombra e os beija-flores e as abelhas estavam entre as flores.

Sem paixão não há criação. O abandono total traz esta paixão sem fim. O abandono com um motivo é uma coisa, e sem um propósito, sem cálculo, é outra. Aquilo que tem um fim, uma direção, é de curta duração, torna-se malicioso e comercial, vulgar. O outro, não movido por qualquer causa, intenção ou ganho, não tem início e não tem fim. Este abandono é o esvaziamento da mente do "eu". Este "eu" pode perder-se nalguma atividade, nalguma crença reconfortante ou sonho fantasioso, mas tal perda é a continuação do eu noutra forma, identificando-se com outra ideologia e ação. O abandono do eu não é um ato de vontade, pois a vontade é o eu. Qualquer movimento do eu, horizontal ou verticalmente, em qualquer direção, continua dentro do campo do tempo e do sofrimento. O pensamento pode entregar-se a algo, são ou insano, razoável ou idiota, mas estando na sua própria estrutura e natureza fragmentário, o seu próprio entusiasmo, excitação, em breve se transformam em prazer e medo. Nesta área o abandono do eu é ilusório, com pouco significado. A consciência de tudo isto é o despertar para as atividades do eu; nesta atenção não há centro, o eu. O impulso para se expressar para identificação é o resultado da confusão e da ausência de sentido da existência. Procurar um sentido é o início da fragmentação; o pensamento pode dar e dá mil sentidos à vida, cada um inventando os seus próprios sentidos que são meramente opiniões e convicções e não há fim para eles.

O próprio viver é todo o sentido, mas quando a vida é um conflito, uma luta, um campo de batalha de ambição, competição e o culto do sucesso, a busca de poder e posição, então a vida não tem sentido. Qual é a necessidade de expressão? Residirá a criação na coisa produzida? A coisa produzida pela mão ou pela mente, por muito bonita ou utilitária que seja, é isso o que se procura? Necessitará esta paixão desprendida do eu de expressão? Quando há uma necessidade, uma compulsão, será essa a paixão da criação? Enquanto houver divisão entre o criador e o criado, a beleza, o amor chegam ao fim. O senhor pode produzir uma coisa absolutamente excelente na cor ou na pedra, mas se a sua vida quotidiana contradiz essa suprema excelência – o abandono total do eu – aquilo que produziu é para admiração e vulgaridade. O próprio viver é a cor, a beleza e a sua expressão. Não se necessita de outra.

As sombras perdiam a sua distância e as codornizes estavam quietas. Havia apenas a rocha, as árvores com as suas flores e frutos, as belas colinas e a terra abundante.

ROMA

29 DE OUTUBRO DE 1973

No vale dos pomares de laranjeiras, este estava muito bem cuidado – fileira após fileira de árvores jovens, fortes e a cintilar ao sol. O solo era bom, bem regado, adubado e tratado. Era uma manhã bonita com um céu azul límpido, quente e o ar era suavemente agradável. As codornizes nos arbustos agitavam-se com os seus chamamentos afiados; um peneireiro-de-dorso-malhado pairava no ar, imóvel, e em breve desceu para se sentar

num ramo na laranjeira vizinha e adormeceu. Estava tão perto que as garras afiadas, as maravilhosas penas salpicadas e o bico afiado eram claramente visíveis; estava ao alcance de um braço. Tinha estado mais cedo de manhã ao longo da alameda de mimosas e os pequenos pássaros gritavam o seu alarme. Debaixo dos arbustos duas cobras-reais, com os seus anéis castanho-escuros ao longo do comprimento dos seus corpos, enrolavam-se uma na outra e, ao passarem perto, estavam totalmente inconscientes de uma presença humana. Tinham estado numa prateleira no celeiro, estendidas, com os seus olhos escuros e brilhantes a observar e à espera dos ratos. Olhavam fixamente sem piscar, pois não tinham pálpebras. Deviam ter estado ali durante a noite e agora estavam entre os arbustos. Era o solo delas e eram vistas frequentemente, e ao pegar numa delas, ela enrolava-se ao redor do braço e sentia-se fria ao toque. Todas aquelas coisas vivas pareciam ter a sua própria ordem, a sua própria disciplina e o seu próprio jogo e alegria.

O materialismo, de que nada existe exceto a matéria, é a atividade predominante e persistente dos seres humanos que são abastados e daqueles que não o são. Há todo um bloco do mundo que está dedicado ao materialismo; a estrutura da sua sociedade baseia-se nesta fórmula, com todas as suas consequências. Os outros blocos são também materialistas, mas algum tipo de princípios idealistas é aceite quando é conveniente e descartado sob o nome de racionalidade e necessidade. Ao mudar o meio ambiente, violenta ou lentamente, por revolução ou evolução, o comportamento do homem é mudado de acordo com a cultura em que vive. É um conflito muito antigo entre aqueles que acreditam que o homem é matéria e aqueles que buscam o espírito. Esta divisão trouxe tal miséria, confusão, ilusão ao homem.

O pensamento é material e a sua atividade, exterior ou interior, é materialista. O pensamento é mensurável e por isso é

tempo. Dentro desta área, a consciência é matéria. A consciência é o seu conteúdo; o conteúdo é a consciência; são indivisíveis. O conteúdo são as muitas coisas que o pensamento reuniu: o passado a modificar o presente que é o futuro que é o tempo. O tempo é movimento dentro da área que é a consciência, expandida ou contraída. O pensamento é memória, experiência e conhecimento, e esta memória, com as suas imagens e as suas sombras, é o eu, o "eu" e o "não eu", o "nós" e "eles". A essência da divisão é o eu com todos os seus atributos e qualidades. O materialismo apenas dá força e crescimento ao eu. O eu pode identificar-se e identifica-se com o Estado, com uma ideologia, com atividades do "não eu", religiosas ou seculares, mas continua a ser o eu. As suas crenças são criadas por si próprio, tal como os seus prazeres e medos. O pensamento pela sua própria natureza e estrutura é fragmentário, e o conflito e a guerra ocorrem entre os vários fragmentos, as nacionalidades, as raças e as ideologias. Uma humanidade materialista destruir-se-á a si própria a menos que o eu seja inteiramente abandonado. O abandono do eu é sempre de importância primária. E apenas a partir desta revolução uma nova sociedade pode ser reunida.

O abandono do eu é amor, compaixão: paixão por todas as coisas – os famintos, os que sofrem, os sem-abrigo e pelo materialista e o crente. O amor não é sentimentalismo, romantismo; é tão forte e definitivo como a morte.

Lentamente o nevoeiro do mar veio sobre as colinas ocidentais como ondas enormes; dobrou-se sobre as colinas e desceu para o vale e em breve chegaria aqui acima; ficaria mais fresco com a escuridão vindoura da noite. Não haveria estrelas e haveria silêncio completo. É um silêncio factual e não o silêncio que o pensamento cultivou, no qual não há espaço.

MALIBU

1 DE ABRIL DE 1975

Mesmo tão cedo de manhã o sol estava quente e a queimar. Não havia uma aragem e nem uma folha se movia. No templo antigo estava fresco e agradável; os pés descalços estavam conscientes das lajes sólidas de rocha, das suas formas e das suas irregularidades. Muitos milhares de pessoas devem ter caminhado sobre elas durante mil anos. Estava escuro ali após o encadeamento do sol da manhã e nos corredores parecia haver poucas pessoas naquela manhã e na passagem estreita estava ainda mais escuro. Esta passagem levava a um corredor largo que levava ao santuário interior. Havia um cheiro forte a flores e o incenso de muitos séculos. E uma centena de Brâmanes, recém-lavados, em panos da cintura brancos recém-lavados, cantavam. O sânscrito é uma língua potente, ressonante com profundidade. As paredes antigas vibravam, quase tremiam ao som de uma centena de vozes. A dignidade do som era incrível e a sacralidade do momento estava além das palavras. Não eram as palavras que despertavam esta imensidão, mas a profundidade do som de muitos milhares de anos mantido dentro destas paredes e no espaço imensurável além delas. Não era o significado daquelas palavras, nem a clareza da sua pronúncia, nem a beleza escura do templo, mas a qualidade do som que quebrava paredes e as limitações da mente humana. O canto de um pássaro, a flauta distante, a aragem entre as folhas, tudo isto quebra as paredes que os seres humanos criaram para si próprios.

Nas grandes catedrais e belas mesquitas, os cânticos e a entoação dos seus livros sagrados, é o som que abre o coração às lágrimas e à beleza. Sem espaço não há beleza; sem espaço o senhor tem apenas paredes e medições; sem espaço não há profundidade; sem espaço há apenas pobreza, interior e exterior. O senhor tem tão pouco espaço na sua mente; está tão atulhada de palavras, recordações, conhecimento, experiências e problemas.

Quase não resta espaço algum, apenas a eterna tagarelice do pensamento. E por isso os seus museus estão cheios e cada prateleira com livros. Depois preenche os lugares de entretenimento, religiosos ou outros. Ou constrói uma parede ao seu redor, um espaço estreito de malícia e dor. Sem espaço, interior ou exterior, o senhor torna-se violento e feio.

Tudo precisa de espaço para viver, para brincar e para cantar. Aquilo que é sagrado não pode amar sem espaço. O senhor não tem espaço quando segura, quando há sofrimento, quando se torna o centro do universo. O espaço que ocupa é o espaço que o pensamento construiu ao seu redor e isso é miséria e confusão. O espaço que o pensamento mede é a divisão entre si e mim, nós e eles. Esta divisão é dor sem fim. Há aquela árvore solitária num campo aberto, verde e largo.

MALIBU

2 DE ABRIL DE 1975

Não era uma terra de árvores, prados, ribeiros e flores e alegria. Era uma terra queimada pelo sol, de areia e colinas áridas, sem uma única árvore ou arbusto; uma terra de desolação, uma terra crestada sem fim milha após milha; não havia sequer um pássaro e nem sequer petróleo com as suas torres de perfuração e chamas de petróleo a arder. A consciência não podia conter a desolação e cada colina era uma sombra árida. Durante muitas horas voámos sobre este vasto vazio e por fim surgiram picos de neve, floresta e ribeiros, aldeias e cidades em expansão.

O senhor pode ter uma grande quantidade de conhecimento e ser vastamente pobre. Quanto mais pobre é, maior a exigência de conhecimento. Expande a sua consciência com grandes

variedades de conhecimento, acumulando experiências e recordações e contudo pode ser vastamente pobre. O uso hábil do conhecimento pode trazer-lhe riqueza e dar-lhe eminência e poder, mas pode ainda haver pobreza. Esta pobreza gera insensibilidade; o senhor brinca enquanto a casa está a arder. Esta pobreza meramente fortalece o intelecto ou dá às emoções a fraqueza do sentimento. É esta pobreza que provoca o desequilíbrio, o exterior e o interior. Não há conhecimento do interior, apenas do exterior. O conhecimento do exterior informa-nos erroneamente de que tem de haver conhecimento do interior. O conhecimento do eu é breve e raso; a mente fica em breve além dele, como atravessar um rio. O senhor faz muito barulho a atravessar o rio e confundir o barulho com o conhecimento do eu é expandir a pobreza. Esta expansão da consciência é a atividade da pobreza. As religiões, a cultura, o conhecimento não podem de modo algum enriquecer esta pobreza.

A habilidade da inteligência é colocar o conhecimento no seu lugar certo. Sem conhecimento não é possível viver nesta civilização tecnológica e quase mecânica, mas ele não transformará o ser humano e a sua sociedade. O conhecimento não é a excelência da inteligência; a inteligência pode e usa o conhecimento e assim transforma o homem e a sua sociedade. A inteligência não é a mera cultura do intelecto e da sua integridade. Vem da compreensão de toda a consciência do homem, de si próprio e não de uma parte, um segmento separado, de si próprio. O estudo e a compreensão do movimento da sua própria mente e coração dão à luz esta inteligência. O senhor é o conteúdo da sua consciência; ao conhecer-se a si próprio conhecerá o universo. Este conhecer está além da palavra, pois a palavra não é a coisa. A libertação do conhecido, a cada minuto, é a essência da inteligência. É esta inteligência que está a operar no universo se o deixar em paz. O senhor está a destruir esta sacralidade da ordem

através da ignorância de si próprio. Esta ignorância não é banida pelos estudos que outros fizeram sobre si ou sobre si próprios. O senhor mesmo tem de estudar o conteúdo da sua própria consciência. Os estudos que os outros fizeram de si próprios, e por isso de si, são as descrições, mas não o descrito. A palavra não é a coisa.

Apenas na relação o senhor se pode conhecer a si próprio, não na abstração e certamente não no isolamento. Mesmo num mosteiro o senhor está relacionado com a sociedade que fez o mosteiro como uma fuga, ou fechou as portas à liberdade. O movimento do comportamento é o guia seguro para si próprio; é o espelho da sua consciência; este espelho revelará o seu conteúdo, as imagens, os apegos, os medos, a solidão, a alegria e o sofrimento. A pobreza reside em fugir disto, quer nas suas sublimações quer nas suas identidades. Negar sem resistência este conteúdo da consciência é a beleza e a compaixão da inteligência.

MALIBU

3 DE ABRIL DE 1975

Quão extraordinariamente bonita é a grande curva de um rio largo. Tem de a ver de uma certa altura, não muito no alto nem muito de perto, à medida que ele serpenteia preguiçosamente através dos campos verdes. O rio era largo, cheio de água, azul e límpido. Não voávamos a uma grande altitude e podíamos ver a forte corrente no meio do rio com as suas ondas minúsculas; seguimo-lo, passando por cidades e aldeias até ao mar. Cada curva tinha a sua própria beleza, a sua própria força, o seu próprio movimento. E lá longe estavam os grandes picos cobertos de neve, cor-de-rosa na luz da manhã cedo; cobriam o horizonte oriental. O rio largo e aquelas grandes montanhas pareciam conter, por aquela hora, a eternidade – esta sensação avassaladora de espaço intemporal. Embora o avião avançasse velozmente para

sudeste, naquele espaço não havia direção, nenhum movimento, apenas aquilo que é. Durante uma hora inteira não houve mais nada, nem sequer o ruído dos jatos. Apenas quando o Capitão anunciou que estaríamos em breve a aterrar é que essa hora inteira chegou ao fim. Não havia memória dessa hora, nenhum ENTRADA do conteúdo dessa hora e por isso o pensamento não tinha onde se agarrar a ela. Quando chegou ao fim não houve restos, a tábua estava limpa de novo. Por isso o pensamento não teve meios para cultivar essa hora e assim preparou-se para sair do avião.

Aquilo em que o pensamento pensa é tornado numa realidade, mas não é a verdade. A beleza nunca pode ser a expressão do pensamento. Um pássaro não é feito pelo pensamento e por isso é bonito. O amor não é moldado pelo pensamento e quando o é torna-se algo inteiramente diferente. O culto do intelecto e da sua integridade é uma realidade feita pelo pensamento. Mas não é compaixão. O pensamento não pode fabricar a compaixão; pode torná-la numa realidade, numa necessidade, mas não será compaixão. O pensamento pela sua própria natureza é fragmentário e por isso vive num mundo fragmentado de divisão e conflito. Por isso o conhecimento é fragmentário e por muito que seja acumulado, camada sobre camada, continuará fragmentado, quebrado. O pensamento pode reunir uma coisa chamada integração e isso também será um fragmento. A própria palavra ciência significa conhecimento, e o homem espera através da ciência ser transformado num ser humano são e feliz. E por isso o homem busca avidamente o conhecimento de todas as coisas da terra e de si próprio. O conhecimento não é compaixão e sem compaixão o conhecimento gera malícia e miséria incalculável e caos. O conhecimento não pode fazer o homem amar; pode criar a guerra e os instrumentos de destruição, mas não pode trazer o amor ao coração ou a paz à

mente. Perceber tudo isto é agir, não uma ação baseada na memória ou em padrões.

O amor não é memória, uma recordação de prazeres.

MALIBU

4 DE ABRIL DE 1975

Por acaso aconteceu que se viveu durante alguns meses numa pequena casa delapidada, no alto das montanhas, longe de outras casas. Havia muitas árvores e, como era Primavera, havia perfume no ar. A solidão era a das montanhas e a beleza da terra vermelha. Os picos imponentes estavam cobertos de neve e algumas das árvores estavam em flor. Vivia-se só no meio deste esplendor. A floresta ficava perto, com veados, um urso ocasional e aqueles grandes macacos de cara preta e cauda longa, e claro que havia serpentes também. Na profunda solidão, de modos estranhos, estava-se relacionado com todos eles. Não se podia ferir uma única coisa, nem aquela margarida branca no caminho. Nessa relação, o espaço entre o senhor e eles não existia; não era algo forçado; não era uma convicção intelectual ou emocional que provocava isto, mas simplesmente era assim. Um grupo daqueles macacos grandes vinha ao redor, especialmente ao entardecer; alguns estavam no chão, mas a maioria estava sentada nas árvores a observar quietamente. Surpreendentemente estavam imóveis; ocasionalmente haveria um coçar ou dois e observávamo-nos mutuamente. Vinham todas as tardes agora, nem demasiado perto nem demasiado alto entre as árvores, e estávamos silenciosamente conscientes um do outro. Tínhamo-nos tornado bastante bons amigos, mas eles não queriam invadir a solidão de um homem. Ao caminhar uma tarde na floresta, deparou-se subitamente com eles num espaço aberto. Devia haver bem mais de trinta, jovens e velhos, sentados entre as árvores ao redor do espaço aberto, absolutamente silenciosos e imóveis. Podia-se ter-lhes tocado;

não havia medo neles e, sentados no chão, observámo-nos mutuamente até o sol ir para trás dos picos.

Se perder o contacto com a natureza, perde o contacto com a humanidade. Se não há relação com a natureza, então o senhor torna-se um matador; então mata bebés foca, baleias, golfinhos e o homem, quer por lucro, por "desporto", por comida ou por conhecimento. Então a natureza fica assustada consigo, retirando a sua beleza. Pode dar longas caminhadas nos bosques ou acampar em lugares adoráveis, mas é um matador e por isso perde a amizade deles. Provavelmente o senhor não está relacionado com nada, com a sua mulher ou com o seu marido; está demasiado ocupado, a ganhar e a perder, com os seus próprios pensamentos privados, prazeres e dores. Vive no seu próprio isolamento escuro e a fuga dele é mais escuridão. O seu interesse é numa curta sobrevivência, sem mente, despreocupada ou violenta. E milhares morrem de fome ou são chacinados por causa da sua irresponsabilidade. Deixa a ordenação do mundo para o político mentiroso e corrupto, para os intelectuais, para os peritos. Porque não tem integridade, constrói uma sociedade que é imoral, desonesta, uma sociedade baseada num egoísmo absoluto. E depois foge de tudo isto pelo qual só o senhor é responsável, para as praias, para os bosques ou carrega uma arma por "desporto".

Pode saber tudo isto, mas o conhecimento não provoca a transformação em si. Quando tem esta sensação do todo, estará relacionado com o universo.

MALIBU

6 DE ABRIL DE 1975

Não é aquele azul extraordinário do Mediterrâneo; o Pacífico tem um azul etéreo, especialmente quando há uma aragem suave do oeste enquanto se conduz para norte ao longo da estrada da costa. É tão terno, deslumbrante, límpido e cheio de alegria. Ocasionalmente via-se baleias a soprar no seu caminho para norte e raramente a sua cabeça enorme quando se atiravam para fora da água. Havia um bando inteiro delas, a soprar; devem ser animais muito potentes. Naquele dia o mar era um lago, quieto e absolutamente tranquilo, sem uma única onda; não havia aquele azul límpido e dançante. O mar estava a dormir e observava-se com espanto. A casa tinha vista para o mar. [Esta é a casa onde ele estava instalado em Malibu.] É uma casa bonita, com um jardim quieto, um relvado verde e flores. É uma casa espaçosa com a luz do sol da Califórnia. E os coelhos adoravam-na também; vinham logo de manhã cedo e ao fim da tarde; comiam as flores e os amor-perfeito recém-plantados, as calêndulas e as pequenas plantas de flor. Não se podia mantê-los fora, embora houvesse uma rede de arame em todo o redor, e matá-los seria um crime. Mas um gato e um mocho-das-torres trouxeram ordem ao jardim; o gato preto vagueava pelo jardim; o mocho empoleirava-se durante o dia entre o eucalipto denso; podia-se vê-lo, imóvel, de olhos fechados, redondo e grande. Os coelhos desapareceram e o jardim floresceu e o azul do Pacífico fluía sem esforço.

Apenas o homem traz desordem ao universo. Ele é implacável e extremamente violento. Onde quer que esteja traz miséria e confusão em si próprio e no mundo ao seu redor. Devasta e destrói e não tem compaixão. Em si próprio não há ordem e por isso o que toca fica sujo e caótico. A sua política tornou-se um gangsterismo refinado de poder, engano, pessoal ou nacional, grupo contra grupo. A sua economia é restrita e por isso não universal. A sua sociedade é imoral, em liberdade e sob tirania. Ele não é religioso, embora acredite, adore e cumpra

rituais sem fim e sem sentido. Por que se tornou ele assim – cruel, irresponsável e tão inteiramente centrado no eu? Porquê? Há uma centena de explicações e aqueles que explicam, subtilmente com palavras que nascem do conhecimento de muitos livros e experiências em animais, estão presos na teia do sofrimento humano, ambição, orgulho e agonia. A descrição não é o descrito, a palavra não é a coisa. Será porque ele está a procurar causas exteriores, o meio ambiente a condicionar o homem, esperando que a mudança exterior transforme o homem interior? Será porque está tão apegado aos seus sentidos, dominado pelas suas exigências imediatas? Será porque vive tão inteiramente no movimento do pensamento e do conhecimento? Ou será porque é tão romântico, sentimental, que se torna implacável com os seus ideais, fingimentos e pretensões? Será porque é sempre levado, um seguidor, ou se torna um líder, um guru?

Esta divisão como exterior e interior é o início do seu conflito e miséria; ele está preso nesta contradição, nesta tradição sem idade. Preso nesta divisão sem sentido, ele está perdido e torna-se um escravo de outros. O exterior e o interior são imaginação e invenção do pensamento; como o pensamento é fragmentário, contribui para a desordem e conflito que é a divisão. O pensamento não pode provocar ordem, um fluxo de virtude sem esforço. A virtude não é a repetição contínua da memória, da prática. O conhecimento do pensamento constringe ao tempo. O pensamento pela sua própria natureza e estrutura não pode agarrar todo o fluxo da vida, como um movimento total. O conhecimento do pensamento não pode ter uma visão profunda desta totalidade; não pode estar consciente disto sem escolha enquanto permanecer como o percecionador, o estranho a olhar para dentro. O conhecimento do pensamento não tem lugar na perceção. O pensador é o pensamento; o percecionador é o percecionado.

Apenas então há um movimento sem esforço na nossa vida quotidiana.

OJAI

8 DE ABRIL DE 1975

Nesta parte do mundo não chove muito, cerca de trinta e oito a cinquenta centímetros por ano, e estas chuvas são muito bem-vindas, pois não chove durante o resto do ano. Há neve então nas montanhas e durante o Verão e o Outono elas estão desnudadas, queimadas pelo sol, pedregosas e ameaçadoras; apenas na Primavera são suaves e acolhedoras. Costumava haver ursos, veados, gatos-bravos, codornizes e qualquer número de cascavéis. Mas agora estão a desaparecer; o temido homem está a invadir. Tinha estado a chover há algum tempo e o vale estava verde, as laranjeiras tinham fruto e flor. É um vale bonito, quieto, longe da aldeia, e ouvia-se a rola carpideira. O ar ia-se enchendo lentamente com o aroma das flores de laranjeira e em poucos dias seria avassalador, com o sol quente e dias sem vento. Era um vale inteiramente cercado por colinas e montanhas; para lá das colinas estava o mar e para lá das montanhas o deserto. No Verão seria insuportavelmente quente, mas havia sempre beleza aqui, longe da multidão enlouquecida e das suas cidades. E à noite haveria um silêncio extraordinário, rico e penetrante. A meditação cultivada é um sacrilégio para a beleza, e cada folha e ramo falavam da alegria da beleza e o cipreste alto e escuro estava silencioso com ela; a velha pimenteira tortuosa fluía com ela.

O senhor não pode, não deve, convidar a alegria; se o fizer ela torna-se prazer. O prazer é o movimento do pensamento e o pensamento não pode, de modo algum, cultivar a alegria, e se busca aquilo que foi alegre, então é apenas uma recordação, uma coisa morta. A beleza nunca constringe ao tempo; é inteiramente livre do tempo e por isso da cultura. Está lá quando o eu não está. O eu é reunido pelo tempo, pelo movimento do pensamento, pelo conhecido, pela palavra. No abandono do eu, nessa atenção total, essa essência da beleza está lá. O deixar ir do eu não é a ação calculada do desejo-vontade. A vontade é diretiva e por isso resistente, divisiva, e por isso gera conflito. A dissolução do eu não é a evolução do conhecimento do eu; o tempo como factor não entra de modo algum nisso. Não há caminho nem meios para lhe pôr fim. A não-ação interior total é a atenção positiva da beleza.

O senhor cultivou uma vasta rede de atividades inter-relacionadas nas quais está preso, e a sua mente, estando condicionada por ela, opera interiormente da mesma maneira. A realização torna-se então a coisa mais importante e a fúria desse impulso continua a ser o esqueleto do eu. É por isso que segue o seu guru, o seu salvador, as suas crenças e ideais; a fé toma o lugar da visão profunda, da consciência. Não há necessidade de oração, de rituais, quando o eu não está. O senhor preenche os espaços vazios do esqueleto com conhecimento, com imagens, com atividades sem sentido e assim mantém-no aparentemente vivo.

Na quietude quieta da mente, aquilo que é beleza duradoura vem, não convidado, não procurado, sem o ruído do reconhecimento.

OJAI

10 DE ABRIL DE 1975

No silêncio da noite profunda e na manhã quieta e parada quando o sol está a tocar as colinas, há um grande mistério. Está ali em todas as coisas vivas. Se se sentar quietamente debaixo de uma árvore, sentirá a terra antiga com o seu mistério incompreensível. Numa noite parada quando as estrelas estão límpidas e perto, o senhor estará consciente do espaço em expansão e da ordem misteriosa de todas as coisas, do imensurável e do nada, do movimento das colinas escuras e do piar de um mocho. Naquele silêncio absoluto da mente este mistério expande-se sem tempo e sem espaço. Há mistério naqueles templos antigos construídos com cuidado infinito, com atenção que é amor. As mesquitas esguias e as grandes catedrais perdem este mistério sombrio, pois há mecanicismo cego, dogma e pompa militar. O mito que está oculto nas camadas profundas da mente não é misterioso, é romântico, tradicional e condicionado. Nos recessos secretos da mente, a verdade foi posta de parte por símbolos, palavras, imagens; neles não há mistério, são a agitação do pensamento. No conhecimento e na sua ação há maravilha, apreciação e deleite. Mas o mistério é uma coisa completamente diferente. Não é uma experiência, para ser reconhecida, armazenada e recordada. A experiência é a morte desse mistério incomunicável; para comunicar necessita de uma palavra, um gesto, um olhar, mas para estar em comunhão com isso, a mente, a totalidade de si, tem de estar ao mesmo nível, ao mesmo tempo, com a mesma intensidade que aquilo que é chamado misterioso. Isto é amor. Com isto todo o mistério do universo está aberto.

Esta manhã não havia uma nuvem no céu, o sol estava no vale e todas as coisas regozijavam-se, exceto o homem. Ele olhou para esta terra maravilhosa e continuou com o seu trabalho duro, o seu sofrimento e prazeres passageiros. Não tinha tempo para ver; estava demasiado ocupado com os seus problemas, com as

suas agonias, com a sua violência. Ele não vê a árvore e por isso não pode ver o seu próprio trabalho doloroso. Quando é forçado a olhar, despedaça o que vê, ao que chama análise, foge disso ou não quer ver. Na arte de ver reside o milagre da transformação, a transformação do "que é". O "que deveria ser" nunca é. Há um vasto mistério no ato de ver. Isto precisa de cuidado, atenção, que é amor.

OJAI

14 DE ABRIL DE 1975

Uma serpente muito grande estava a atravessar uma estrada larga de carros de bois logo à sua frente, gorda, pesada, a mover-se preguiçosamente; vinha de um lago razoavelmente grande a curta distância. Era quase preta e a luz do entardecer ao cair sobre ela dava à sua pele um elevado polimento. Movia-se de forma pausada com uma majestosa dignidade de poder. Estava inconsciente de si enquanto o senhor observava quietamente; estava bastante perto dela; devia medir bem mais de um metro e meio e estava saliente com o que tinha comido. Passou por cima de um monte e o senhor caminhou em direção a ela, olhando para ela a escassos centímetros de distância, com a sua língua preta bifurcada a espreitar para dentro e para fora; estava a mover-se em direção a um buraco grande. Podia ter-lhe tocado, pois tinha uma beleza estranha e atraente. Um aldeão estava a passar e gritou para a deixar em paz porque era uma cobra-capelo. No dia seguinte os aldeões tinham colocado ali no monte um pires com leite e algumas flores de hibisco. Naquela mesma estrada, mais à frente, havia um arbusto, alto e quase sem folhas, que tinha

espinhos de quase cinco centímetros de comprimento, afiados, acinzentados, e nenhum animal ousaria tocar nas suas folhas suculentas. Estava a proteger-se a si próprio e ai de quem lhe tocasse. Havia veados ali naqueles bosques, tímidos mas muito curiosos; permitiam que se aproximassem deles, mas não demasiado perto, e se o fizesse eles arrancavam em velocidade e desapareciam no meio da vegetação baixa. Havia um que o deixava chegar bastante perto, se estivesse só, de olhos brilhantes e com as suas grandes orelhas voltadas para a frente. Tinham todos manchas brancas numa pele castanho-ruiva; eram tímidos, gentis e sempre vigilantes, e era agradável estar entre eles. Havia um completamente branco, que devia ser uma anomalia da natureza.

O bem não é o oposto do mal. Nunca foi tocado por aquilo que é mau, embora esteja cercado por isso. O mal não pode ferir o bem, mas o bem pode parecer fazer mal e por isso o mal torna-se mais astuto, mais malicioso. Pode ser cultivado, apurado, expansivamente violento; nasce dentro do movimento do tempo, nutrido e habilmente usado. Mas a bondade não é do tempo; de modo algum pode ser cultivada ou nutrida pelo pensamento; a sua ação não é visível; não tem causa e por isso nenhum efeito. O mal não se pode tornar bem, pois aquilo que é bom não é produto do pensamento; jaz além do pensamento, tal como a beleza. A coisa que o pensamento produz, o pensamento pode desfazer, mas não é o bem; como não é do tempo, o bem não tem lugar de permanência. Onde o bem está, há ordem, não a ordem da autoridade, punição e recompensa; esta ordem é essencial, pois caso contrário a sociedade destrói-se a si própria e o homem torna-se mau, assassino, corrupto e degenerado. Pois o homem é a sociedade; eles são indivisíveis. A lei do bem é eterna, imutável e intemporal. A estabilidade é a sua natureza e por isso é inteiramente segura. Não há outra segurança.

OJAI

17 DE ABRIL DE 1975

Espaço é ordem. Espaço é tempo, comprimento, largura e volume. Esta manhã o mar e os céus são imensos; o horizonte onde aquelas colinas de flores amarelas encontram o mar distante é a ordem da terra e do céu; é cósmico. Aquele cipreste, alto, escuro, só, tem a ordem da beleza e a casa distante naquela colina arborizada segue o movimento das montanhas que se erguem sobre as colinas baixas; o campo verde com uma única vaca está além do tempo. E o homem a subir a colina está retido dentro do espaço estreito dos seus problemas.

Há um espaço de vacuidade cujo volume não está constrito pelo tempo, a medida do pensamento. Neste espaço a mente não pode entrar; só pode observar. Nesta observação não há experienciador. Este observador não tem história, nenhuma associação, nenhum mito, e por isso o observador é aquilo que é. O conhecimento é extenso, mas não tem espaço, pois pelo seu próprio peso e volume perverte e sufoca esse espaço. Não há conhecimento do eu, superior ou inferior; há apenas uma estrutura verbal do eu, um esqueleto, coberto pelo pensamento. O pensamento não pode penetrar a sua própria estrutura; o que reuniu o pensamento não pode negar e quando nega, é a recusa de ganho futuro. Quando o tempo do eu não é, o espaço que não tem medida é.

Esta medida é o movimento de recompensa e punição, ganho ou perda, a atividade de comparação e conformidade, de respeitabilidade e a sua negação. Este movimento é tempo, o futuro com a sua esperança e o apego que é o passado. Toda esta rede é a própria estrutura do eu e a sua união com o ser supremo ou o princípio último continua dentro do seu próprio campo. Tudo isto é a atividade do pensamento. O pensamento de modo algum

pode penetrar esse espaço de nenhum tempo, faça o que fizer. O próprio método, o programa, a prática que o pensamento inventou não são as chaves que abrirão a porta, pois não há porta, nenhuma chave. O pensamento só pode estar consciente da sua própria atividade sem fim, da sua própria capacidade de corromper, dos seus próprios enganos e ilusões. É o observador e o observado. Os seus deuses são as suas próprias projeções e o culto deles é o culto de si próprio. O que jaz além do pensamento, além do conhecido, não pode ser imaginado nem tornado num mito nem tornado num segredo para poucos. Está ali para o senhor ver.

MALIBU

23 DE ABRIL DE 1975

O rio largo estava quieto como um lago de moagem. Não havia uma ondulação e a aragem da manhã ainda não tinha despertado, pois era cedo. As estrelas estavam na água, límpidas e cintilantes e a estrela da manhã era a mais brilhante. As árvores do outro lado do rio estavam escuras e a aldeia entre elas ainda dormia. Não havia uma folha a mover-se e aqueles pequenos mochos-galegos chocalhavam na velha tamareira; era a casa deles e quando o sol estivesse naqueles ramos estariam a aquecer-se. Os papagaios verdes e ruidosos estavam quietos também. Todas as coisas, até os insetos e as cigarras, estavam à espera, sem ar, pelo sol, em adoração. O rio estava imóvel e os pequenos barcos habituais com as suas lâmpadas escuras estavam ausentes. Gradualmente, sobre as árvores escuras e misteriosas, começou a luz inicial da alvorada. Cada coisa viva continuava na quietude do mistério daquele momento de meditação. A sua própria mente era intemporal, sem medida; não havia fita métrica para medir quanto tempo durou aquele momento. Apenas havia um agitar e um

despertar, os papagaios e os mochos, os corvos e os mainás, os cães e uma voz do outro lado do rio. E subitamente o sol estava logo acima das árvores, dourado e escondido pelas folhas. Agora o grande rio estava acordado, a mover-se; tempo, comprimento, largura e volume estavam a fluir e toda a vida começava, a qual nunca terminava.

Quão encantador era naquela manhã, a pureza da luz e o caminho dourado que o sol fazia naquelas águas vivas. O senhor era o mundo, o cosmos, a beleza imortal e a alegria da compaixão. Apenas o senhor não estava lá; se estivesse, tudo isto não seria. O senhor traz o início e o fim, para começar de novo numa cadeia sem fim.

No tornar-se há incerteza e instabilidade. Na vacuidade há estabilidade absoluta e por isso clareza. Aquilo que é inteiramente estável nunca morre; a corrupção está no tornar-se. O mundo está empenhado em tornar-se, realizar, ganhar e por isso há medo de perder e morrer. A mente tem de passar por aquele pequeno buraco que reuniu, o eu, para deparar com esta vasta vacuidade cuja estabilidade o pensamento não pode medir. O pensamento deseja capturá-la, usá-la, cultivá-la e colocá-la no mercado. Tem de ser tornada aceitável e por isso respeitável, para ser adorada. O pensamento não a pode colocar em nenhuma categoria e por isso tem de ser uma ilusão e uma armadilha; ou tem de ser para poucos, para os eleitos. E assim o pensamento segue pelos seus próprios caminhos maliciosos, assustado, cruel, vaidoso e nunca estável, embora a sua vaidade afirme que há estabilidade nas suas ações, na sua exploração, no conhecimento que acumulou. O sonho torna-se uma realidade que ele nutriu. O que o pensamento tornou real não é a verdade. A vacuidade não é uma realidade, mas é a verdade. O pequeno buraco, o eu, é a realidade do pensamento, aquele esqueleto sobre o qual construiu toda a sua existência – a realidade da sua fragmentação, a dor, o sofrimento

e o seu amor. A realidade dos seus deuses ou do seu único deus é a estrutura cuidadosa do pensamento, a sua oração, os seus rituais, o seu culto romântico. Na realidade não há estabilidade ou pureza cristalina.

O conhecimento do eu é tempo, comprimento, largura e volume; pode ser acumulado, usado como uma escada para se tornar, para melhorar, para realizar. Este conhecimento de modo algum libertará a mente do fardo da sua própria realidade. O senhor é o fardo; a verdade disso reside no ver disso e essa liberdade não é a realidade do pensamento. O ver é o fazer. O fazer vem da estabilidade, da clareza, da vacuidade.

MALIBU

24 DE ABRIL DE 1975

Cada coisa viva tem a sua própria sensibilidade, o seu próprio modo de vida, a sua própria consciência, mas o homem supõe que a sua é muito superior e assim perde o seu amor, a sua dignidade e torna-se insensível, duro e destrutivo. No vale das laranjeiras, com o seu fruto e flor da Primavera, era uma manhã encantadora e límpida. As montanhas a norte tinham uma salpicadela de neve; estavam desnudadas, duras e distantes, mas contra o céu azul e terno da manhã cedo estavam muito perto, podia-se quase tocar-lhes. Tinham aquela imensa sensação de idade e majestade indestrutível e aquela beleza que vem com a grandeza intemporal. Era uma manhã muito quieta e o cheiro a flor de laranjeira enchia o ar, a maravilha e a beleza da luz. A luz desta parte do mundo tem uma qualidade especial, penetrante, viva e a encher os olhos; parecia entrar em toda a sua consciência, varrendo quaisquer cantos escuros. Havia grande alegria nisso e cada folha e lâmina de relva regozijavam-se com isso. E o gaio-azul saltitava de ramo em ramo e não gritava desalmadamente para variar. Era uma manhã encantadora de luz e grande profundidade.

O tempo gerou a consciência com o seu conteúdo. É a cultura do tempo. O seu conteúdo constitui a consciência; sem ele, a consciência, tal como a conhecemos, não existe. Então não há nada. Movemos as pequenas peças nesta consciência de uma área para outra de acordo com a pressão da razão e da circunstância, mas no mesmo campo de dor, sofrimento e conhecimento. Este movimento é tempo, o pensamento e a medida. É um jogo sem sentido de esconde-esconde consigo próprio, a sombra e a substância do pensamento, o passado e o futuro do pensamento. O pensamento não pode reter este momento, pois este momento não é do tempo. Este momento é o fim do tempo; o tempo parou naquele momento, não há movimento naquele momento e por isso não está relacionado com outro momento. Não tem causa e por isso nenhum início e nenhum fim. A consciência não o pode conter. Naquele momento de vacuidade tudo é.

A meditação é o esvaziamento da consciência do seu conteúdo.